

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

FLÁVIA DE MARIA GOMES SCHULER

**CASAMENTO INTERCULTURAL E SUAS PECULIARIDADES:
UM ESTUDO SOBRE BRASILEIRAS QUE VIVEM NA SUÍÇA**

RECIFE-2010

FLÁVIA DE MARIA GOMES SCHULER

**CASAMENTO INTERCULTURAL E SUAS PECULIARIDADES:
UM ESTUDO SOBRE BRASILEIRAS QUE VIVEM NA SUÍÇA**

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, linha de Família e Interação Social da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

RECIFE-2010

S386c

Schuler, Flávia de Maria Gomes

Casamento intercultural e suas peculiaridades : um estudo sobre brasileiras que vivem na Suíça / Flávia de Maria Gomes Schuler ; orientador Cristina Maria de Souza Brito Dias, 2010.

101 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, 2010.

1. Psicologia clínica. 2. Psicologia social. 3. Casamento - Aspectos psicológicos. 4. Adaptabilidade (Psicologia). 5. Casamento - Aspectos sociais. 6. Família. 7. Cultura. 8. Casamento - Suíça - I. Título.

CDU 301.151

FLÁVIA DE MARIA GOMES SCHULER

**CASAMENTO INTERCULTURAL E SUAS PECULIARIDADES:
UM ESTUDO SOBRE BRASILEIRAS QUE VIVEM NA SUÍÇA**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias
(Orientadora – UNICAP)

Profa. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
(UNICAP)

Profa. Dra. Maria da Penha de Lima Coutinho
(UFPB)

Recife/2010

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Armando e Conceição,
ao meu marido Roberto e a nossa filha Emily!

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, Armando e Conceição, por sempre acreditarem que estudar faz diferença. E apesar de todas as dificuldades, nunca nos deixaram desistir deste caminho. A vocês, tudo que eu disser seria pouco! Muito obrigado.

Ao meu querido marido Roberto, por toda a sua dedicação e incentivo constante. Seu exemplo de superação e persistência é uma fonte de inspiração para minha vida.

A minha querida filha Emily, companheira e amiga de todas as horas. Você ilumina a minha caminhada e é um grande presente de Deus em minha vida.

A todas as minhas irmãs e ao meu irmão, assim como aos meus sobrinhos e sobrinhas, por me fazer pertencer a um vínculo de amor e união familiar.

A minha orientadora, professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias, que com sua dedicação, competência e apoio, tornaram a conclusão desta dissertação possível. A você minha gratidão, admiração e amizade.

Aos meus amigos, Ana Paula e Stefan Steiner, assim como aos meus cunhados, Betty e Zito, pela amizade e acolhida na ocasião de nossa viagem a Suíça, para a realização das entrevistas.

A todas as participantes desta pesquisa, que se disponibilizaram a compartilhar conosco seu tempo e suas experiências, o meu muito obrigado. Sua participação foi valiosa e tornou esta pesquisa possível.

Por último, mas acima de tudo e de todos, agradeço a Deus pelo dom da vida, da fé, da esperança e do amor!

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar e identificar como se deu o processo de migração de mulheres brasileiras a Suíça, que vieram a casar-se com suíços e as repercussões desse casamento em suas vidas. Nesta perspectiva, foram considerados os aspectos relacionados às motivações para a migração e as dificuldades enfrentadas ao chegar; as circunstâncias em que conheceram seus maridos; a adaptação ao país, à família do cônjuge e ao próprio casamento e, finalmente, os sentimentos experimentados e as necessidades sentidas. O trabalho está dividido em três artigos, sendo um teórico e dois empíricos. O primeiro apresenta um breve levantamento histórico sobre o casamento e as transformações que esta instituição vem sofrendo ao longo do tempo. O segundo artigo procura investigar as motivações da migração e como as participantes vieram a se casar. O terceiro artigo estuda o casamento intercultural, entre brasileiras e suíços, e as repercussões desse casamento em suas vidas. A metodologia é baseada na abordagem qualitativa. Foram entrevistadas doze mulheres que vivem na parte alemã da Suíça. A análise dos dados foi realizada a partir da Análise de Conteúdo Temática. Os resultados indicam que as motivações das participantes para a migração estão relacionadas à procura de melhores oportunidades de vida ou por terem se apaixonado por um suíço. Algumas se casaram para permanecer no país, outras por amor. Entretanto, de maneira geral, as dificuldades encontradas no casamento são semelhantes: dificuldades com o idioma, a mentalidade suíça, a criação dos filhos, a religião e com os familiares.

Palavras-chave: Casamento; migração; relacionamento intercultural.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze and identify the process of migration of Brazilian women to Switzerland who came to marry with Swiss men and the repercussions of this marriage in their lives. In this perspective were considered the aspects related to the motivations for the migration and the difficulties at the arrival; the circumstances at meeting their husbands; the adaptation to the country, to the family in law and to the marriage itself; and finally the feelings experienced and the needs felt. The research is divided into three articles, one theoretical and two empirical. The first one presents a brief historical uprising about marriage and the transformation this institution has been suffering a long time. The second article searches to investigate the motivations of the migration and how the participants came to marry. The third article studies the intercultural marriage between Brazilian women and Swiss men, and the repercussions of this marriage in their lives. The methodology was based in a qualitative approach. Twelve Brazilian women who are married with Swiss men and live in Switzerland in the German part were interviewed. The appreciation of the data was realized with Minayo's Content Analysis. The results indicate that the motivations for the migration of the participants are related to the search of better life opportunities or for falling in love with a Swiss. Some married for staying in the country, other married because of love. Nevertheless, in general, the difficulties found in marriage were similar: difficulties with the language, swiss way of thinking, children education, religion and relatives.

Keywords: Marriage; migration; intercultural relationship

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Artigo Teórico I – CASAMENTO E FAMÍLIA: UMA RETROSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA.....	12
Resumo.....	12
Abstract.....	13
Introdução.....	14
Breve histórico do casamento.....	15
Casamento e família no Brasil.....	19
Casamento e família hoje.....	21
Considerações finais.....	23
Referências.....	24
Artigo Empírico II – GLOBALIZAÇÃO, MIGRAÇÃO E MULHERES: AS BRASILEIRAS NA SUÍÇA.....	25
Resumo.....	25
Abstract.....	26
Introdução.....	27
Migração.....	28
Um olhar sobre a Suíça.....	32
Migração de mulheres.....	34
Brasileiras na Suíça.....	36
Método.....	38
Análise e discussão dos resultados.....	41
Considerações finais.....	52
Referências.....	54
Artigo Empírico III – CASAMENTO INTERCULTURAL E SUAS PECULIARIDADES: BRASILEIRAS CASADAS COM SUÍÇOS.....	57
Resumo.....	57
Abstract.....	58
Introdução.....	59
Peculiaridades do casamento intercultural.....	60
Brasileiras casadas com suíços.....	68
Método.....	72

Análise e discussão dos resultados.....	74
Considerações finais.....	86
Referências.....	87
Considerações Finais.....	90
Referências.....	92
Anexos.....	97
Anexo A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	98
Anexo B – Roteiro de Entrevista.....	100
Anexo C – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	101

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1987 e 2008, a primeira autora teve a oportunidade de viver na Suíça. Em um país assim tão diferente do Brasil, logo pudemos perceber que a diversidade cultural é uma realidade inegável: um país em que um atraso de cinco minutos é uma ofensa e um atraso de 15 minutos é imperdoável, mostra que a diferença de valores culturais pode gerar muitos desentendimentos. Pensamos, então, no quanto os brasileiros que vivem na Suíça precisam se adaptar a esta diferença cultural. Em termos gerais, enquanto nós falamos muito, eles preferem o silêncio a falar sem medir as consequências. Enquanto os suíços preferem o tratamento formal, em que as pessoas são tratadas por senhor ou senhora, acompanhadas do sobrenome e não pelo primeiro nome, ou, ao serem apresentadas, estendem a mão, inclusive às crianças, nós, brasileiros, preferimos a informalidade e nos cumprimentamos com beijos e abraços. Para um brasileiro que está na Suíça apenas de férias, já é possível observar estas características de diferença cultural. Porém, quanto maior for o tempo que este lá permanecer, maiores serão as diferenças culturais vivenciadas.

Damatta (2001), antropólogo brasileiro, caracteriza o Brasil como um país receptivo, possuidor de um povo caloroso e afetivo, que concilia o moderno e o tradicional. Já no continente europeu, os países são conhecidos por terem sociedades qualificadas como "racionais", que suportam com dificuldade a ambigüidade e a ambivalência. Segundo Laplatine (1994), para pensar, os europeus precisam distinguir entre o antes e o depois, o estrangeiro e o autóctone, o público e o privado, o individual e o coletivo, e assim por diante.

A partir da sua cultura específica, Hall (1990), classificou os países do mundo em países de Alto e Baixo contexto. O Brasil está entre os países de Alto contexto, com características coletivistas, colocando o interesse do todo acima das necessidades pessoais, em que os sentimentos e os relacionamentos têm mais importância que as regras. Em contrapartida, nos países de Baixo Contexto, entre os quais a Suíça está inserida, as pessoas valorizam a individualidade, a independência e as regras são universais.

Fons Trompenaars (2008), um cientista dos países baixos especializado na área de comunicação intercultural, compara o papel da cultura para o ser humano com o da água para o peixe. Um peixe apenas toma consciência da água, assim como da necessidade da água para sua sobrevivência, quando está fora dela. A cultura para um ser humano é como a água para o

peixe. Ela nos sustenta. Nós vivemos, respiramos e agimos com base nela, mas só tomamos consciência de sua existência quando saímos dela. O autor define cultura como um processo dinâmico que envolve relacionamento humano, tempo e natureza. Ele diz ainda que a cultura pode ser comparada às camadas de uma cebola. As camadas de fora são visíveis. Isto seria uma metáfora da cultura explícita; nas camadas intermediárias estão os valores, o que um grupo considera bom e ruim, e as normas, que simbolizam o que um grupo considera certo ou errado; e enfim, no centro, no mais profundo, está à base da existência, que é a cultura implícita. A cultura se mostra na língua, nas comidas, na arquitetura, na música, nas roupas, na literatura, no clima, no barulho ou no silêncio, e no contato corporal.

Devido à experiência de viver tantos anos na Suíça e poder perceber o quanto Brasil e Suíça são culturalmente diferentes e, em contrapartida, ver o crescente aumento de brasileiras que se casam com suíços, surgiu o interesse em pesquisar sobre o assunto. Citamos, como exemplo, dados estatísticos recentes do Departamento de Estatísticas na Suíça (BSF). De acordo com o BSF (2007), 49,7% dos casamentos realizados na Suíça são interculturais. Segundo o mesmo BSF, 20,8% das mulheres suíças casam com estrangeiros, 22,4% dos homens suíços casam com estrangeiras e 6,5% são estrangeiros que casam com estrangeiras. É importante também salientar que atualmente o índice de divórcio na Suíça gira em torno de 52%. Estas estatísticas mostram ainda que entre os suíços que se casam com estrangeiras, 35% casam com mulheres da União Européia ou da Ásia, enquanto 65% casam com mulheres de países do terceiro mundo ou de países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Vale salientar que as brasileiras estão em segundo lugar na lista de mulheres com as quais os suíços mais se casam. Isto, com certeza, fez aumentar o número de brasileiras que vão para Suíça na esperança de encontrar um casamento. Perguntamos, então: como é a convivência em uma família “bi-nacional” com cônjuges de culturas tão distintas?

O motivo dessa pergunta reside no fato de que a diferença cultural se faz sentir tanto em pequenos detalhes do dia a dia, quanto nas grandes decisões que precisam ser tomadas pelo casal. Essa diferença, com certeza, também vai refletir na criação dos filhos, e nos contatos familiares. Aqui cabe questionar o que faz com que essas mulheres deixem seu país, sua cultura, família, amigos e até mesmo filhos, estabelecendo-se em um país com uma cultura assim tão diferente da nossa? Quais as necessidades sentidas? Como administram essas diferenças? Que apoio recebem? E o casamento, os filhos e as famílias de origem, como

se estruturam? Como organizar tudo isso? Foi com estas questões em mente que nos propusemos a realizar a presente pesquisa.

Desta forma, apresentamos esta dissertação cuja estrutura se compõe de três artigos: o primeiro é um artigo teórico em que fizemos um breve histórico do casamento e da família; no segundo, focalizamos o processo de migração das brasileiras para a Suíça e apresentamos o método de estudo, a análise e a discussão dos resultados provenientes das entrevistas realizadas com doze brasileiras que migraram para a Suíça; finalmente, no terceiro, também empírico, nos detivemos no casamento das referidas brasileiras com suíços.

Esperamos que este estudo possa dar visibilidade a este tema ainda carente de pesquisas em nosso país, carência esta que se evidencia especialmente na região nordeste, e que possa subsidiar o trabalho de profissionais que lidam com estas mulheres e casais, bem como fomentar novas pesquisas.

**CASAMENTO E FAMÍLIA:
UMA RETROSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA**

*Flavia de Maria Gomes Schuler
Cristina Maria de Souza Brito Dias
Universidade Católica de Pernambuco*

RESUMO

Este artigo teve por finalidade fazer um breve levantamento histórico sobre o casamento e sobre as transformações que esta instituição vem sofrendo ao longo do tempo. Neste trabalho fizemos uso das contribuições de autores de diferentes áreas de conhecimento e enfoque teórico. Desse modo, pudemos concluir a partir das investigações realizadas que, de maneira geral, o casamento e, conseqüentemente, a família se configuram hoje como espaços privilegiados para a intimidade, comunicação aberta e livre e o cuidado mútuo entre os membros do núcleo familiar, diferenciando-se, portanto, da relação baseada no poder do homem sobre a mulher e os filhos cuja ocorrência se deu até o início do século XX.

Palavras chave: Casamento; casal; família.

ABSTRACT

This article had as objective to make a brief historical uprising about marriage and the transformations this institution has been suffering a long time. In this research we made use of the contributions of authors from various knowledge areas and theoretical focus. Like that we could conclude from the realized investigations that, in general, marriage e therefore also the family that configure today as privileged places of intimacy, open and free communication, and the mutual care between the members of the familiar nucleus, differently of the relations based on the power of men upon women and children that occurred until the beginning of the 20th century.

Keywords: Marriage; couple; family.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade fazer um breve levantamento histórico sobre o casamento e as transformações que vem sofrendo, bem como caracterizar a instituição da família. Para tanto, foi feita uma revisão sobre os referidos itens. Hodiernamente, muito se fala sobre casamento. O casamento é tradicionalmente definido como uma relação duradoura entre duas pessoas de diferentes sexos, que existe há muitos séculos, conceito que já se conhece amplamente. No decorrer do tempo, o casamento se desenvolveu e passou por várias mudanças até chegar ao que ele é hoje, ou seja, uma aliança, pelo menos em teoria, fundamentada no amor. A família patriarcal, comandada pelo homem, deveria pertencer ao passado e o ideal de um relacionamento baseado na igualdade entre o homem e a mulher é exaltado, embora nem sempre praticado. Ao falar-se em casamento, logo pensamos em algo privado e pessoal: duas pessoas decidem viver suas vidas juntas, mas, ao contrário do que imaginamos, na realidade existe um número maior de pessoas e circunstâncias envolvido. A partir do final do século XX e início do século XXI, ocorreram muitas modificações nas sociedades ocidentais no que se refere ao amor e às formas de se organizar e viver em família. Segundo Giddens (2000), entre todas elas, nenhuma é mais importante do que aquela que ocorre em nossas vidas pessoais, na sexualidade, nos relacionamentos, no casamento e na família. Esta mudança foi fundamentada, inicialmente, na questão de poder entre o homem e a mulher, e até hoje a mulher procura pela igualdade de direitos. Em função das citadas mudanças, a família passou a ser um local de lutas entre a tradição e a modernidade.

De acordo com Gomes (2003), o casamento é um importante fator de estabilização social e psíquica na vida das pessoas, inclusive, assumindo importantes funções como: proteger os seres humanos, pois lhes fornece, em primeiro lugar, papéis bem definidos, passíveis de aceitação e inserção social; em segundo lugar, lhes facilita a estabilização da identidade e o acolhimento do desejo amoroso e da necessidade de intimidade; depois, possibilita-lhes a formação de uma rede de apoio externa, representada pela família extensa; por fim, defende-os de si mesmos, de forma concreta, prolongando-lhes o tempo de vida. Entretanto, desde o início do século XXI, nota-se que as pessoas já não se sentem tão acolhidas pelo casamento quanto em épocas passadas. Na realidade, podemos perceber que o casamento e, conseqüentemente, as formas de se estar em família, têm sofrido profundas mudanças ao longo da história como podemos constatar em Gomes (2003), ao afirmar que a antiga estabilidade nuclear parece ameaçada pelos casamentos desfeitos, pela radical

reformulação dos papéis femininos e masculino, sem deixar claro as atribuições de cada gênero e, finalmente, pelo esvaziamento das diferenças hierárquicas entre pais e filhos. Enfim, todas estas alterações nos relacionamentos têm nos levado a questionar sobre casamento e família, além de outras tantas, como, por exemplo, a crescente heterogeneidade do mundo com o fenômeno da globalização, que tem contribuído para o aumento de casamentos entre pessoas de diferentes credos, culturas, nacionalidades e raças. Não raro, vemos na mídia, por exemplo, a luta pela guarda das crianças ocorrendo no âmbito internacional.

Breve histórico do casamento

Neste ponto, gostaríamos de tentar traçar uma breve história do casamento, da família, assim como do seu desenvolvimento ao longo do tempo. Os costumes ligados ao casamento variaram muito através dos tempos. Osório (2002) acredita que a instituição matrimonial surgiu a partir de ritos de iniciação que marcavam a passagem para a idade adulta. Nos povos primitivos tais ritos geralmente culminavam com a cerimônia de casamento. Na antiguidade greco-romana, os homens mais velhos casavam-se com jovens recém-chegadas à puberdade. Embora não se saiba realmente o motivo para essa diferença de idade, pode-se atribuir talvez à escassez de mulheres durante este período. Entretanto, outros motivos podem estar por trás desta tendência, como fatores culturais, sendo até hoje comum que mulheres se casem com homens mais velhos, e não o contrário. O fato é que, “após a decadência romana nos séculos II e III, com a divisão do império e a cristianização advinda da conversão de Constantino no século IV, as leis matrimoniais anteriores são revogadas e as mulheres com mais de vinte e cinco anos têm liberdade para total administração de si e de seus bens” (Gomes, 2003, p.17). Essa informação deixa bem claro que até esta data a mulher não possuía domínio algum sobre si ou sobre os seus bens. Porém, essa melhoria nas leis com relação à liberdade feminina não durou, pois com a chegada das tribos germânicas houve um retrocesso da libertação feminina em relação à antiguidade. “Suzanne Fonay Wemple, citando Tácito como fonte, informa que havia três formas de casamento entre os germânicos: o casamento por compra; o casamento por rapto e o casamento por mútuo consentimento” (Gomes, 2003, p.17). Na realidade, podemos ver que, na maioria dos casos, a mulher só passava da tutela do pai para a tutela do marido, permanecendo sempre numa condição de dependência de um homem e sob a sua autoridade.

Na Europa medieval não era muito diferente: os casamentos eram, na sua maioria, arranjos familiares e as mulheres (e crianças) não tinham direitos definidos. O homem detinha todo poder de mando, controlando todos os membros da família, em função do seu poder econômico. À mulher cabia o espaço doméstico, ou seja, o âmbito privado onde exercia certo poder, mas permanecendo sempre à sombra do dono da casa, senhor absoluto. As crianças não eram criadas no interesse delas próprias, mas para satisfação dos pais e visando uma contribuição para a economia familiar. Além disso, a taxa de mortalidade infantil era assustadora e as crianças só passaram a ser valorizadas pela sociedade muito tempo depois.

Segundo Hintz (2001), a sexualidade do casal era vivenciada de forma diferente: o homem tinha uma liberdade sexual ampla e estimulada, enquanto a mulher tinha que permanecer fiel ao seu marido. A sexualidade na família estava estritamente ligada à reprodução. Como não havia métodos contraceptivos, a sexualidade das mulheres estava inevitavelmente vinculada aos filhos. Até o final do século XIX, as mulheres não tinham autonomia, eram frequentemente analfabetas e nem podiam votar. Apenas nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente em 1920, foi que as mulheres começaram a votar em alguns países como: Estados Unidos, Finlândia, Noruega, Dinamarca, Canadá, Alemanha, Rússia e Polônia. Aos poucos elas foram conquistando esse direito em outros países, como no Brasil (1961), na Suíça (1971) e em Liechtenstein (1984), que foi o último país do ocidente a conceder esse direito à mulher. Contudo, sabemos que ainda existem países no oriente, como a Arábia Saudita, em que as mulheres continuam sem este direito.

Já no que concerne ao relacionamento entre pais e filhos, havia um posicionamento de distanciamento entre as gerações, com a finalidade de afirmar a hierarquia entre os membros da família. A aproximação física como manifestação de afetos era resguardada e contida, estando composta de rituais formais e distantes, para confirmar o respeito dos filhos pela posição dos pais. Na família, o casal era apenas uma parte e os vínculos estabelecidos com os filhos e os parentes eram igualmente importantes no cotidiano. No entanto, ao longo das últimas décadas houve uma mudança radical, sendo um dos seus principais fundamentos a separação entre sexualidade e reprodução.

Com as transformações ocorridas após as guerras mundiais e a revolução industrial, inclusive o fato de que as mulheres começaram, a adentrar no mercado de trabalho, associado à descoberta de métodos contraceptivos, que tornou possível a separação entre sexualidade e

reprodução - a mulher conquistou uma maior liberdade sexual, assim como novos espaços na sociedade. Todos esses fatos fizeram com que a família, nas décadas de 50 e 60, passasse por modificações acentuadas. Ela deixou de ser uma entidade meramente econômica e o casamento passou a ser visto como fundamentado no amor romântico e não mais apenas como um “contrato econômico”. Desde então a família mudou muito. Segundo Lasch (1991), a família na sociedade moderna passou a ser um refúgio frente a um mundo que se tornou altamente competitivo e brutal, o que produziu uma intensificação dos laços emocionais entre pais e filhos. Como afirma Hintz:

Justamente após a industrialização que a família passou a ter maiores possibilidades de se constituir através da livre escolha dos cônjuges, fundamentada no amor conjugal. Passou-se a dar importância a realização pessoal na união conjugal, tendo o afeto muitas vezes o poder de direcionar as decisões (Hintz, 2001, p.10).

Na relação conjugal, o casal moderno pauta-se pelo comportamento expressivo, enquanto o casal tradicional achava-se limitado aos seus papéis, sem procurar saber se era feliz (Ponciano & Feres-Carneiro, 2003, p.60). Segundo Gomes (1998), essa nova forma de casamento emergiu na Inglaterra, entre os séculos XVI e XVIII, e se espalhou para o resto do mundo. Este relacionamento, a partir de então, baseava-se na premissa de um profundo afeto entre marido e mulher, ou seja, o casamento envolvia uma escolha e não era mais automático e universal, arranjado pelos outros. Essa forma de casamento gerou uma nova estruturação das famílias, que passaram a ser menores, já que o custo para sustentar uma família numerosa era muito grande. Neste mesmo sentido, também ocorreram mudanças nas relações entre pais e filhos, havendo maiores possibilidades de diálogo entre as gerações, com expressões de afetos mais explícitas. “A afeição tornou-se necessária entre os cônjuges, assim como entre pais e filhos. O sentimento de família nasce simultaneamente com o sentimento de infância”. (Ponciano & Feres-Carneiro, 2003, p. 60). Surge assim o modelo da família nuclear forte. Ainda segundo Gomes (1998), essa nova visão do casamento interferiu também no papel da mulher. Até então ela tinha como papel principal a procriação. Dentro desta visão, sexo e procriação tornaram-se independentes e a procriação passa a ser repensada e até desencorajada, levando a mulher a outras ocupações, que ainda estão relacionadas à vida doméstica. Mesmo assim, o casamento continua sendo visto como uma elevação do *status* feminino, pois, para muitos, é através dele que a mulher atinge sua condição adulta.

No século XVIII o amor romântico passou a ser pré-requisito essencial do casamento, “os jovens começam a considerar os sentimentos para a escolha do cônjuge, desvalorizando aspectos exteriores como propriedade e desejo dos pais” (Ponciano & Feres-Carneiro, 2003,60). Mas o casamento por amor só passou a ser defendido abertamente no século XIX. A relação conjugal passou a ser fonte de estabilidade da própria família e, como consequência, da própria sociedade. É assim, de forma gradual, que o contrato matrimonial foi modificado, deixando de ser baseado em arranjos familiares e econômicos, mas sim na escolha própria e, por conseguinte, no amor. Hoje o casal, casado ou não, está no centro da família e o amor passou a ser à base do casamento. A partir desta conjuntura, o casal adquiriu a responsabilidade de desenvolver a sua própria história. Para Giddens (2000), no passado o casamento não se baseava na intimidade. Ela era importante, mas não o seu fundamento. Atualmente a comunicação é a principal base para o estabelecimento de laços afetivos.

Embora o casamento, para a maioria das pessoas, ainda seja muito importante, seu significado se transformou completamente. O casamento significa que o casal está vivendo uma relação estável e pode, na verdade, promover esta estabilidade uma vez que envolve uma declaração pública de compromisso. No entanto, ele não é mais a principal base definidora da união. O mais importante passou a ser o relacionamento estabelecido na família, entre a esposa e o marido e entre os pais e os filhos. O compromisso estabelecido diante da lei só possui valor, na realidade, se validado no dia a dia na forma de um relacionamento íntimo de amor, amizade e respeito.

“Há três áreas principais em que a comunicação emocional e, portanto, a intimidade, está substituindo os velhos laços que outrora uniam as pessoas – os relacionamentos sexuais e de amor, os relacionamentos pais-filhos e também a amizade” (Giddens, 2000, p.65). Neste contexto, o relacionamento emocional passou a ser base para dar continuidade ao casamento. Mas para que isto ocorra é necessário que este relacionamento seja bom. Não queremos dizer perfeito, porém, um relacionamento que possua condições de continuidade. [Ainda, segundo o referido autor](#), um bom relacionamento é o que se estabelece entre iguais, em que cada parte tem direitos e obrigações iguais. Num relacionamento assim, cada pessoa tem respeito pela outra e deseja o melhor para ela. O relacionamento puro é baseado na comunicação, de tal modo que compreender o ponto de vista da outra pessoa é essencial. A conversa, ou diálogo, é o que basicamente faz o relacionamento funcionar e ele funciona melhor se as pessoas não escondem muita coisa uma da outra – é preciso haver confiança mútua. E a confiança tem de

ser trabalhada; não pode ser simplesmente pressuposta. Finalmente, um bom relacionamento é aquele isento de poder arbitrário, coerção e violência, devendo ter uma dinâmica completamente diferente dos tipos mais tradicionais de laços sociais. Depende de processos de confiança – a abertura de si mesmo para o outro. Franqueza é a condição básica da intimidade. O referido autor acrescenta que, o bom relacionamento (nem é preciso dizer) é um ideal e a maioria dos relacionamentos comuns nem sequer se aproxima dele. Mas precisamos ter em mente o que é o ideal e é deste ideal que o casal busca se aproximar.

Casamento e família no Brasil

Dando continuidade à temática em questão, um rápido olhar na história recente nos possibilita a compreensão que casamento e família aqui no Brasil também mudaram bastante. Segundo Costa (1983), a família no Brasil colônia era dita “senhorial”, funcionava como um bloco compacto, voltado exclusivamente para o clã e com forte dependência da figura paterna. O desejo correto era o desejo do pai. A mulher brasileira, nessa época colonial, vivia isolada no seio da família, em posição de inferioridade e submissão. Embora zelasse pelo patrimônio doméstico do homem, dependia jurídica, afetiva e religiosamente do marido. Os casamentos realizados neste período colonial levavam em conta interesses familiares, benefícios econômicos e sociais, sendo que os motivos de afeição raramente pesavam no ato. O amor não era pressuposto para o casamento, muito menos a atração física. O casamento se baseava no intercâmbio de riquezas, tanto que sem dote a mulher estaria fadada ao celibato.

Também no Brasil essa concepção de casamento entrou em desuso no século XIX, com as transformações econômicas e o compromisso com relação ao estado: “O casal se volta para o futuro e não para o passado; o compromisso era para com os filhos e não mais para com os pais, e a escolha do cônjuge está envolta nessas proposições” (Gomes, 1998, p.34). O casamento passou então a ser baseado no amor, amor esse que segundo Costa (1983) vai ser usado para regular os novos papéis sociais do homem e da mulher no casamento.

O casamento hoje mudou muito, principalmente no que diz respeito às mulheres. Atualmente, devido às necessidades econômicas, a mulher passou a trabalhar fora com a finalidade de aumentar a renda familiar. Aos poucos ela sentiu a necessidade de ampliar suas atividades, passou a estudar, buscou profissionalizar-se e até participar da política. Algumas mulheres escolhem se realizar profissionalmente e atualmente conseguem ser respeitadas não

apenas em função do casamento, como vimos anteriormente. Outras preferem não ter filhos ou adiam esta decisão em função do trabalho, entre outras razões. Porém, o estabelecimento de um relacionamento entre iguais, homem e mulher, é uma realidade que nem sempre é praticada, ou seja, para muitas mulheres segue permanecendo apenas um ideal a ser conquistado na prática e no dia a dia.

O que a letra de uma antiga canção popular brasileira, de Wilson Batista, intitulada *Emília*, diz, bem retrata o modelo geral do casamento no Brasil: “Eu quero uma mulher que saiba lavar e cozinhar e que de manhã cedo me acorde na hora de trabalhar”. Essa afirmação reflete muito do machismo cultural do povo brasileiro que vê na relação conjugal não um relacionamento de iguais, mas a esposa como serviçal: Amélias e Emílias da vida. A realidade nos mostra que hoje temos uma mulher que além de trabalhar fora, também continua responsável pelo lar e pela educação dos filhos, ou seja, a mulher exerce uma dupla jornada de trabalho, o que a sobrecarrega.

Podemos dizer que o machismo brasileiro remonta aos primórdios de nossa colonização e nos foi trazido pelo "civilizado" homem europeu. Ele chegava ao nosso continente, usava as nativas para sua satisfação sexual e retornava para seu lar, que havia ficado sob os cuidados e administração de sua esposa. Esse tipo de comportamento, na verdade, criou duas **imagens** a respeito da mulher brasileira: a mulher que trabalha fora, que é responsável pelo cuidado e administração do lar, assim como da educação dos filhos e ainda do marido, quando ele volta para casa; e a mulher sensual, ferosa, cheia de volúpia e pronta a dar prazer sexual ao homem segundo os seus desejos. Essas imagens são, na mente masculina, muitas vezes irreconciliáveis

Esse estereótipo da mulher brasileira continua a ser espalhado lá fora, onde, de modo geral, as brasileiras são conhecidas por sua leviandade. Podemos citar como exemplo uma palestra realizada no Primeiro Encontro Nacional de Brasileiras na Suíça, em maio de 1998, em que Pereira disse: “A imagem da brasileira é passada com grande leviandade. Todas as brasileiras são fáceis, todas dançam muito bem e não levam nada a sério... basta olhar os catálogos de viagem para saber como éramos (ou como somos) representadas.” Ora, é óbvio que essa imagem da mulher brasileira a prejudica não só no âmbito nacional, mas também na esfera internacional.

Casamento e família hoje

Salvador Minuchin, conhecido psiquiatra e terapeuta da família, têm as seguintes idéias a respeito da relação familiar a partir da relação conjugal: o casal, ao se constituir, precisa separar-se de suas relações anteriores, principalmente dos pais. O casamento é o primeiro momento em que os participantes irão confirmar ou não suas novas identidades; “um contexto poderoso para a confirmação ou desqualificação; refúgio para as tensões de fora” (Minuchin 1990, p.27). Só um relacionamento verdadeiro de intimidade e confiança fará com que a nova família tenha oportunidade de se constituir e vivenciar o ciclo do desenvolvimento do seu relacionamento.

O relacionamento entre o casal ocorre em ciclos mais ou menos conhecidos. O indivíduo ao se apaixonar inicia um tipo de vinculação muito especial. “A estruturação desse vínculo tem como base a vivência dos relacionamentos infantis” (Hintz, 1999, p.31). Esse relacionamento vai se desenvolvendo a partir das experiências vivenciadas com o pai e com a mãe. Esse caminho trilhado a dois é chamado por Hintz de ciclo da vida do casal. O casal através do seu ciclo de desenvolvimento evolutivo segue uma sequência básica, embora frequentemente essas etapas se sobreponham. Ainda, segundo a citada autora, é através desse processo de ir e vir que o casal vai estruturando o seu relacionamento permeado tanto por aquisições, como por lutas constantes. É um processo onde não há um determinado fim, havendo sempre possibilidade de mudanças. Neste processo, o antigo, o já conhecido, pode ser substituído pelo novo numa contínua expansão do relacionamento. Aqui vale a pena lembrar que em toda relação percebe-se que, ao longo do tempo, é comum os casais fazerem questionamentos que, no início do relacionamento, nem passavam no pensamento deles. Muitas vezes, mesmo quando alertados para algumas características importantes sobre a personalidade um do outro, por outras pessoas, o casal envolvido não consegue ver. Isto mostra que, ao longo do tempo, ocorrem mudanças no comportamento do casal, que muitas vezes, os levam a situações de conflito e estresse.

Para Hintz (1999), o casal, durante a estruturação do relacionamento, passa por cinco etapas de evolução: *enamoramento, estabelecimento das diferenças, relações de poder, estabilidade e comprometimento*. No *enamoramento*, “a fase inicial do relacionamento caracteriza-se pela forte atração que um sente pelo outro, pelo desejo mútuo compartilhado, desejo de ambos tornarem-se apenas um só” (Hintz 1999). Podemos dizer que ambos estão

apaixonados e se estabelece um sentimento de fusão intensa na qual só as semelhanças são levadas em conta.

Na segunda etapa, ou seja, no *estabelecimento das diferenças*, “os cônjuges começam a pensar de forma diferente um do outro, as diferenças tornam-se visíveis e abertas. Ambos passam a expressar seus sentimentos próprios deixando que os conflitos surjam” (Hintz, 1999, p.35). Agora os cônjuges já possuem um contato maior com a realidade e passam a se conhecer como realmente são. Nesta fase, as diferenças, antes ignoradas, passam a ser percebidas e o relacionamento só continuará dependendo da capacidade de negociação entre eles.

A terceira fase, que envolve *as relações de poder*, caracteriza-se pela procura da independência pessoal de cada um dos cônjuges. Se um deles procura mais independência, procura atividades que são mais individualizadas, o outro pode não estar pronto para essa independência. Dessa forma, podem surgir muitos conflitos. “Estabelece-se uma comunicação embasada nas relações de poder, onde um está sempre contra os desejos, pensamentos e sentimentos do outro” (Hintz, 1999, p.37). Um deles sente-se incompreendido e coagido e o outro se sente abandonado.

Na quarta fase, temos a *emergência da estabilidade*, que é considerada a etapa das realizações externas. “Se o casal, na fase inicial do enamoramento não atingiu uma cumplicidade e intimidade adequadas, poderá enfrentar dificuldades no seu entendimento” (Hintz 1999, p.38). Mas se os parceiros chegarem juntos a essa etapa, com um bom nível de intimidade, poderão se realizar pessoalmente sem vivenciar mais problemas.

Na quinta e última fase, a fase do *comprometimento*, os parceiros são capazes de vivenciar uma relação mais amadurecida. Eles permanecem juntos, mas sem a responsabilidade de suprir as idealizações do parceiro. Os parceiros, evoluindo para essa etapa, se conhecem tanto como indivíduos independentes quanto como casal. O Eu e o Nós coexistem em harmonia. Quando o casal se desenvolve sendo capaz de ultrapassar todas essas etapas, na busca de um relacionamento maduro, podemos dizer que eles alcançaram um relacionamento ideal e atingiram, enfim, o equilíbrio produzido pela cumplicidade de um comprometimento vivenciado nos desdobramentos da vida diária. Aqui não podemos esquecer que, com a chegada dos filhos, novas mudanças surgem no relacionamento do casal

e instala-se a função da parentalidade. Mas, para educar seus filhos, este casal vai depender primordialmente de seu vínculo conjugal, ou seja, da tão sonhada relação de cumplicidade e comprometimento.

Como podemos perceber, hoje, as relações familiares entre marido e esposa, pais e filhos, baseiam-se na intimidade, na comunicação livre e aberta. A idéia de família é caracterizada principalmente por valores como os sentimentos de amor e realização pessoal na convivência com o outro. A família, além de ser local privilegiado para o domínio da intimidade, é também o agente a quem a sociedade confia a tarefa de transmissão da cultura, consolidando-a na personalidade (Lasch, 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O casamento é uma instituição que já existe há muito tempo. Porém, o casamento e as formas de se estar em família têm sofrido muitas modificações ao longo da história. No passado, os casamentos eram realizados muitas vezes dentro da própria família através de arranjos familiares e econômicos e as mulheres, assim como as crianças, não tinham direito algum. As mulheres viviam restritas ao espaço privado e estavam sempre em posição inferior ao homem. Elas passavam da subserviência ao pai, para a subserviência ao marido. A sexualidade estava estritamente ligada à reprodução. Atualmente, com a globalização, temos casamentos entre pessoas até de diferentes continentes, e não raro vemos na mídia a luta pela guarda de crianças, muitas vezes no âmbito internacional.

Ao longo das últimas décadas, houve uma mudança radical, sendo algumas das suas principais causas, a separação entre sexualidade e reprodução, bem como a saída da mulher do âmbito privado para o público. Desde então, estes fatos fizeram com que o casamento e a família mudassem bastante. Esta deixou de ser uma entidade meramente econômica e o casamento passou a ser fundamentado no amor romântico, que envolve a livre escolha do cônjuge. A realização pessoal na união conjugal passou a ser importante, assim como o afeto entre os seus membros. Hoje, espera-se que o casamento seja baseado no amor, na intimidade e na comunicação emocional, pois eles são o meio que facilita o estabelecimento dos laços e a principal base para a sua continuação.

REFERÊNCIAS

- Costa, J. F. (1983). *Ordem médica e Norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- Giddens, A. (2000). *O mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. (M.L. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Gomes, I. C.(1998). *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Escuta.
- Gomes, P. B. (2003). Novas formas de conjugalidades In: P.B. Gomes, *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares* (pp. 10-39). São Paulo: Callis.
- Hintz, H.C.(1999). Dinâmica do casal. In: *Pensando em Famílias*. Rio Grande do Sul: Domus, (1), 31-40.
- Hintz, H.C. (2001). Novos tempos, novas famílias? In: *Pensando em Famílias*. Rio Grande do Sul: Domus, (3), 8-19.
- Lasch, C. (1991). *A família: santuário ou instituição sitiada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Osório, L.C.(2002). *Casais e famílias: uma visão contemporânea*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pereira, C.(1998). *Migração: história, aspectos legais e situação das migrantes na Suíça*. In: I Encontro Nacional de Brasileiras na Suíça. Zurique.
- Ponciano, E. & Feres-Carneiro, T. (2003). Modelos de família e intervenções terapêuticas. In: *Interações*, (3), 57-80.

GLOBALIZAÇÃO, MIGRAÇÃO E MULHERES: AS BRASILEIRAS NA SUÍÇA

*Flavia de Maria Gomes Schuler
Cristina Maria de Souza Brito Dias
Universidade Católica de Pernambuco*

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral estudar como se deu o processo de migração de mulheres brasileiras para a Suíça e, de maneira mais específica, analisamos: 1. As motivações para a migração; 2. As dificuldades enfrentadas ao chegar ao novo país; 3. As circunstâncias em que conheceram seus atuais maridos. Participaram da pesquisa doze mulheres casadas com suíços, que vivem na Suíça, na parte alemã. As participantes responderam a uma entrevista com questões relacionadas aos objetivos da pesquisa e aos dados sociodemográficos. As entrevistas foram examinadas segundo o método da Análise de Conteúdo Temática. As motivações para a migração estiveram relacionadas à melhoria da situação financeira, à oportunidade de habitação e sustento para a própria família, ou ainda ao fato de terem se casado com um suíço. Quanto às dificuldades encontradas, podemos destacar a ilegalidade, dificuldades com a língua e os preconceitos enfrentados. Finalmente, com relação às circunstâncias em que estas mulheres conheceram seus maridos, algumas os conheceram por intermédio de amigos ou parentes que já residiam na Suíça, mas também em festas ou sites de relacionamentos, vendo no casamento uma forma de permanecer no país. Enquanto outras participantes o conhecimento dos seus atuais maridos se deu no Brasil.

Palavras-chave: Globalização, migração, brasileiras, casamento intercultural.

ABSTRACT

This research had as general objective to study how the process of migration of Brazilian women to Switzerland happened, more specifically we analyzed: 1. the motivations for the migration; 2. the difficulties encountered at the arrival in the new country; 3. the circumstances in which they met their husband. Twelve Brazilian women who are married to Swiss men and live in the German part of Switzerland participated. The participants answered to an interview with questions related to the objective of the research and social-demographic data. The interviews were analyzed with the Analysis of thematic content. The motivations were related to a bettering of the financial situation, an opportunity for housing, and support for the own family or because they have married with a Swiss man. In the difficulties encountered, we can bring out the illegality, the difficulties with the language and with the prejudice. Finally, in relation with the circumstances in which these women met their husbands; some participants met them by friends or relatives who already resided in Switzerland, but also by parties or relationship websites, viewing marriage as a way to stay in the country, while others participants met their husbands in Brazil.

Keywords: Globalization; migration; brazilian women; intercultural marriage.

INTRODUÇÃO

A palavra contemporaneidade diz respeito aos tempos recentes, podendo-se considerar como marca desta época o fenômeno da globalização ou da mundialização. Na globalização, as comunicações ultrapassam quaisquer limites ou barreiras, apoiadas que são na alta tecnologia, estabelecendo um fluxo rápido e contínuo de dados – sons, imagens e textos cruzando o planeta, sem controle e sem limites. A *internet* nos permite estar conectados ao mundo, à distância de um *mouse clique*. O trânsito ao redor do mundo é enorme, os aeroportos sofrem com esse problema e já não dão conta de um tráfego aéreo tão intenso. Até as doenças que eram específicas de determinadas áreas do mundo, hoje são encontradas em outros lugares, por conta da enorme mobilidade das pessoas. O mundo parece se desenvolver rumo ao que poderíamos chamar de vila global. Diferentes povos e religiões parecem poder conviver em paz sem grandes problemas. A sociedade mundial tenta, através de organizações como a ONU, entre outras, manter os relacionamentos baseados na idéia de solidariedade entre os países menos desenvolvidos e os países industrializados, chamados de países do primeiro mundo. Por um lado, isso parece uma possibilidade, enquanto que, por outro lado, manter a paz da vila global parece uma utopia, da qual nós ainda estamos muito distantes.

Amazonas, Dias e Santos (2009) afirmam que vivemos em um mundo globalizado onde as distâncias geográficas já não constituem impedimento para a construção de vínculos afetivos. Afirmam também que entre todas as mudanças que o processo de globalização vem provocando - a sexualidade, os relacionamentos afetivos, os casamentos e a própria família - são as de maior repercussão na vida das pessoas. Cada um destes aspectos é atravessado por valores globais. Como consequência da globalização, podemos dizer que atualmente famílias interculturais constituem uma grande parte da população européia e, porque não dizer, do mundo. Elas são consideradas as famílias do futuro. Por outro lado, porém, para elas darem certo, isto envolve muito mais trabalho porque essas famílias são também mais complexas que as outras constituídas de cônjuges de uma só cultura (ECB, 1999)

O objetivo geral desta pesquisa foi estudar como se deu o processo de migração de mulheres brasileiras para a Suíça e, de modo mais específico, ela visou analisar: as motivações para a migração, as dificuldades enfrentadas ao chegar ao novo país e as circunstâncias em que conheceram seus atuais maridos. As mulheres foram divididas em dois

grupos: aquelas que foram em busca de novas oportunidades e aquelas que migraram por razões amorosas.

Migração

Migração é uma palavra que vem do latim, que significa passar de um país para outro, mudar-se, estabelecer-se em outro lugar, ou seja, migração tem sentido de movimento. A história da migração se confunde com a história da humanidade, pois o ser humano é um ser em movimento desde que o *Homo Sapiens* surgiu. Dessa forma, o direito à migração poderia ser considerado um direito natural do ser humano. Na época das cavernas a busca era por plantas comestíveis e pela caça, que representavam a possibilidade de sobrevivência. Hoje o mundo está mais sofisticado, mas a luta ainda é pela sobrevivência e o ser humano procura sobreviver onde as condições são melhores (Pereira 1998).

É muito importante termos em mente que quando falamos de migração estamos falando de um fenômeno mundial e social. A migração como fenômeno social ocorre geralmente pelo mesmo motivo: busca de uma vida melhor. Pessoas de todos os continentes migram para outros países e também para outros continentes. E sendo o movimento migratório mundial um sistema complexo, muitos são os motivos para a existência desse fenômeno como: as catástrofes naturais, as guerras, além da busca de novas perspectivas e melhores condições de vida. Mas também as pessoas migram visando casamento, emprego, estudo, acompanhamento dos pais ou até pela simples vontade de conhecer algo novo. A mistura dos elementos acima descritos é o que geralmente leva as pessoas à decisão de migrar.

O que podemos perceber é que, de um lado, existem fatores que impulsionam as pessoas a deixarem seus países: desemprego, falta de perspectiva gerada por uma crise econômica, entre outros. Por outro lado, nos países do chamado primeiro mundo, existem fatores que atraem os migrantes provenientes dos chamados países em desenvolvimento, como, por exemplo, bons salários, excelentes escolas e boa situação social. Acreditamos que as coisas vão continuar assim, pelo menos enquanto perdurar a situação que se apresenta no mundo atual, onde a maioria da riqueza é distribuída entre os países do primeiro mundo e apenas uma pequena parte é dividida entre o resto do mundo.

No caso do Brasil, somos o país com o maior nível de concentração de renda no mundo; colocando isso em números, vemos que 51,3% de tudo que é produzido no Brasil estão nas mãos de 10% da população. Os 20% da população que estão entre os mais pobres do país dividem entre si somente 2,1% da riqueza existente. O Brasil, durante mais de 400 anos, foi um país de imigração, mais precisamente, um país destino de imigrantes europeus e asiáticos, dentre os quais se destacam os portugueses, italianos, alemães, poloneses, suíços e japoneses, respectivamente. Contudo, em meados da década de 80, o fluxo migratório inverteu-se: mais brasileiros emigram e menos estrangeiros imigram. Desta forma, o Brasil passou a ser um país caracterizado pela emigração. Este fluxo de emigração no Brasil dos anos 80 configurou-se muito mais intenso e persistente do que o fluxo das décadas de 60 e 70. Esta tendência começou quando uma longa recessão reduziu a oferta de emprego, fazendo com que muitas pessoas deixassem o Brasil. A partir de 2000, os fluxos migratórios dos brasileiros em direção aos países desenvolvidos intensificaram-se consideravelmente, estimando-se hoje que um número equivalente à população do estado do Rio Grande do Norte, perto de três milhões de brasileiros, resida no exterior (Ammann, 2006). Vejamos, a seguir, a situação dos brasileiros no mundo e na Europa, segundo dos dados do Ministério de Relações Exteriores em 2009.

Tabela 1
Frequência de brasileiros no mundo

Regiões	Brasileiros
América do Norte	1.325.100
Europa	816.257
América do Sul	513.800
Ásia	289.557
África	36.852
Oriente Médio	31.890
América Central	5.037
Oceania	22.500
Total	3.040.993

Fonte: MRE, 2009

Tabela 2
Frequência de brasileiros na Europa

Países	Brasileiros	Países	Brasileiros
Reino Unido	180.000	Dinamarca	3.000
Portugal	137.600	Finlândia	508
Espanha	125.000	Rússia	400
Alemanha	89.000	Rep. Tcheca	347
Itália	70.000	Polônia	336
França	60.000	Hungria	230
Suíça	57.500	Croácia	170
Bélgica	42.000	Romênia	110
Holanda	17.500	Ucrânia	80
Irlanda	15.000	Bulgária	70
Grécia	5.100	Sérvia	60
Suécia	5.000	Eslovênia	32
Noruega	4.100	Vaticano	14
Áustria	3.000	Total	816.257

Fonte: MRE,2009

De acordo com Ammann (2006), as causas da imigração, de maneira geral, podem ser classificadas em três categorias: a primeira diz respeito aos migrantes que deixam o país movidos pelos fatores atrativos de outras regiões. Nesta categoria estão, principalmente, os jovens que desejam estudar numa determinada universidade estrangeira ou participar de pesquisas que não são realizadas no seu próprio país; também podem ser incluídos aqueles que querem aprender línguas estrangeiras ou conhecer outros países.

Já os migrantes do segundo grupo não sentem atração por outras regiões, mas são forçados a sair do país porque são banidos ou perseguidos e ameaçados. Trata-se de fator relacionado ao exílio político que ocorre nas ditaduras militares, civis ou teocráticas. A esse grupo pertencem os exilados. Podemos citar como exemplo o educador Paulo Freire, que foi forçado a deixar o Brasil e encontrou refúgio em Genebra, na Suíça, onde permaneceu por onze anos.

O terceiro grupo de imigrantes é constituído por pessoas que não são forçadas por pressão política a deixar a sua terra, nem atraídas por outros países especificamente. São pessoas que desejam uma vida melhor e que, muitas vezes, sentem-se excluídos no seu próprio país, do mercado de trabalho, da educação e da saúde.

Na linguagem das teorias da migração os motivos da escolha de um determinado país-destino de imigração chamam-se “fatores de atração”. Dezenas de milhares de brasileiros deixam anualmente sua terra natal. Muitos são atraídos pelo Paraguai, por questões de vizinhança e de afinidades culturais; outros pelo Japão, por serem descendentes de japoneses, os decasséguis; outros são atraídos pelos Estados Unidos, devido à sua imagem na mídia; ainda outros brasileiros escolhem a União Européia e muitas vezes entram no continente via Portugal, atraídos pelas facilidades lingüísticas, as afinidades históricas e a amizade que une o Brasil ao país lusitano.

Em relação à Suíça há um grande enigma: por que os brasileiros são atraídos por um país tão pequeno, com poucos recursos naturais e escassas terras para trabalhar, além de ser geográfica e socialmente frio, culturalmente diferente, com suas quatro línguas oficiais, e com um mercado de trabalho disputado por trabalhadores dos países da Europa, da África, das Américas e, evidentemente, da própria Suíça? (Ammann & Ammann, 2006). A maioria dos brasileiros residentes na Suíça pertence a este terceiro tipo de imigrantes, pois não deixam o Brasil porque são forçados politicamente, nem por perseguições ou ameaças de morte. Eles não são exilados políticos, mas poderíamos dizer que são exilados sociais. Os brasileiros migram para conquistar um trabalho digno. Eis o sonho de muitos deles. Mas a realidade nem sempre corresponde ao sonho, pois o mercado de trabalho na Suíça é altamente estruturado, exigente, competitivo e a dificuldade para falar bem a língua do país torna impossível esse sonho se tornar realidade para muitos deles. Quem entra no país já com visto de trabalho, geralmente ocupa posições de médio ou alto nível, porém aqueles que procuram trabalho na Suíça e não possuem permissão para estar no país, geralmente ocupam posições simples como as de faxineiro, babá, lavador de pratos em restaurantes, entre outros. Podemos acrescentar também aos fatores de atração da Suíça, projetos de construção ou de reconstrução de uma família, que geralmente vêm aliados aos problemas econômicos no Brasil (Ammann & Ammann, 2006).

Outro fator de imigração que vem ganhando força é a descoberta do Brasil como ponto turístico e, lamentavelmente, como celeiro de mulheres sensuais, extrovertidas e alegres. É impressionante o número de suíços que passam férias no Brasil com vistas ao estabelecimento de relações afetivas, reais (quando existe amor) ou fictícias (quando o objetivo é "levar" a brasileira para a Suíça para o trabalho em cabarés, por exemplo). Esse expediente pode resultar na construção de uniões sólidas, estáveis e bem sucedidas ou em projetos sem

sustentação. Muitas brasileiras migram para a Suíça acalentadas pelo sonho do “príncipe encantado”, mas além do grande choque cultural, algumas, infelizmente, confrontam-se com casamentos de subserviência e dependência financeira, bem como de confinamento ao âmbito do lar e proibição de trabalhar fora da casa (Ammann & Ammann 2006). Aqui vale a pena sempre lembrar e estar atento ao fato de que, na realidade, a imigração para qualquer país deve levar em consideração não apenas os prováveis ganhos, mas também os riscos e as dificuldades a serem enfrentados.

Um olhar sobre a Suíça

A Suíça, oficialmente denominada Confederação Helvética, é uma república federal composta por 26 estados chamados de cantões, tendo a cidade de Berna como a sua capital. O país está situado na Europa Central, onde faz fronteira com a Alemanha, a França, a Itália, a Áustria e o Condado de Liechtenstein. A Suíça é um país pequeno, cuja área total é de 41.285 km. A população suíça é de, aproximadamente, 7,8 milhões de habitantes, sendo que cerca de 21% são estrangeiros (Fankhauser, 2006). No referido país encontramos duas das cidades chamadas “cidades globais” e centros econômicos mundiais: Zurique e Genebra. Elas estão classificadas entre as 10 cidades com a melhor qualidade de vida do mundo, estando Zurique, em segundo, e Genebra, em terceiro lugar.

A Suíça é constituída por quatro principais regiões linguísticas e culturais: alemã, francesa, italiana e a reto-romana. Nas diferentes regiões existem diferentes tradições e costumes (Fankhauser, 2006). Existem quatro línguas oficiais, além dos numerosos dialetos. A maioria dos rótulos e informações contidas nos produtos vendidos (até mesmo uma caixinha de fósforos) está escrita em alemão, francês e italiano. Então, toda criança, a partir do momento que começa a ler, já entra em contato com as diferentes línguas. O inglês, como língua internacional, ganha a cada dia mais peso e é falado por quase toda a população, uma vez que a língua é aprendida nas escolas públicas desde a terceira série primária.

O país tem uma longa história e, segundo os próprios suíços, foi à luta pela sobrevivência, luta esta que fez com que responsabilidade e perfeição se tornassem características nacionais (Fankhauser, 2006). Nos tempos antigos, a Suíça teve que suportar os longos e pesados invernos e as pessoas tiveram que procurar formas de sobrevivência. Elas precisavam ter, antes do inverno, a sua provisão de alimentos, o dia a dia era duro e as

consequências eram desastrosas, caso eles não conseguissem essa provisão. As montanhas e vales separavam as pessoas e a mobilidade era reduzida. Hoje em dia a Suíça não depende mais tanto da natureza e já não está limitada por sua topografia, mas a experiência dos antepassados está bem presente na educação das crianças. Crianças suíças são educadas a pensar desde cedo que as virtudes que mais devem ser cultivadas são a aplicação e a confiança. Segundo o autor Suíço Charles Ferdinand Ramuz (1947), os suíços são sem dúvida: ordeiros, cuidadosos, responsáveis e muito rígidos. São ativos, mas dentro do seu território eles se fecham, porque eles precisam de silêncio.

Mas a Suíça não era muito diferente dos outros países europeus e, como consequência, passou por muitas dificuldades. No final do século passado, a situação econômica era tão grave que a migração para outros países era estimulada oficialmente e muitos deles migraram esperando fugir da fome, pois sonhavam com o paraíso no novo continente, ou seja, na América. Com a Segunda Guerra mundial a situação se transformou completamente. Como a Suíça não participou da guerra, foi um dos poucos países que ficou com uma infraestrutura intacta e pôde fornecer produtos para os outros países que estavam com suas economias praticamente destruídas. Com isso a situação mudou e para a produção, além da infraestrutura, era necessário ter mão de obra. Essa mão de obra foi conseguida nos países vizinhos e era principalmente masculina. Assim surgiram os primeiros trabalhadores temporários: primeiro foram os italianos, depois os portugueses, espanhóis, iugoslavos e turcos. Eles levaram suas famílias e a partir daí o número de estrangeiros começou a aumentar. Desta forma, aos poucos, a Suíça começou a ser receptora de migrantes. Franken, Coutinho e Ramos (2008), concordam afirmando que a Suíça do século XIX foi um país de migrantes, porém depois da segunda guerra mundial o saldo migratório tem sido constantemente positivo. Como vimos antes, atualmente 21 % da população suíça é composta por estrangeiros e embora muitos deles tenham nascido na própria Suíça, por serem filhos de estrangeiros, não são considerados suíços.

A Suíça tem um sistema de entrada de estrangeiros com vistos para trabalhar, mas esta questão é definida pela política chamada de “dois círculos”. No primeiro círculo estão os países da União Européia (EU) e da Associação Européia de Livre comércio (EFTA), que são os casos onde há menos restrições. Já no segundo círculo estão: Canadá, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, entre outros, ou seja, o resto do mundo, inclusive, o Brasil. Neste círculo há mais restrições e, em consequência disso, pessoas desses países só podem obter

uma permissão de trabalho nos casos que se referem a especialistas qualificados ou empregados de projetos em desenvolvimento. De acordo com essa política, só existem três formas para um brasileiro entrar na Suíça: 1) Através do casamento com um suíço (a) ou com um estrangeiro(a) que tenha permissão para residir na Suíça; 2) Como estudante, ou seja, segundo critérios específicos desta área; 3) Como artista, e é nesta categoria que se enquadram as “dançarinas de cabaré”. Os dois últimos casos são de caráter temporário. Para quem não se encaixa nesses critérios, resta apenas o caminho de trabalhar na ilegalidade. Muitas mulheres, neste caso, atuam nos campos da prostituição, de empregada doméstica ou babá. Segundo a Cônsul brasileira Vitória Cleaver (2009), o brasileiro que sonha em imigrar para o país alpino deve pensar bem e só vir legalmente, pois os aventureiros podem se dar mal.

Migração de mulheres

Atualmente podemos dizer que existe um fenômeno conhecido como “feminização das imigrações” que vem contrapor-se de maneira muito significativa à realidade do início da emigração brasileira. A família, de modo geral, permanecia em território nacional, o pai (via de regra), viajava para o exterior com a finalidade de sustentar sua família. Naquele momento, os fluxos de saída da população brasileira caracterizavam um processo novo, até então desconhecido da própria sociedade emigrante, e não possuíam ainda uma temporalidade que viabilizasse uma maior reflexão sobre a dinâmica destes acontecimentos (Oliveira, 2003). Tais movimentos foram percebidos como impulsos acima de tudo temporários e protagonizados majoritariamente pelos homens. Com o decorrer dos anos, entretanto, e principalmente com o desenvolvimento cada vez mais extenso e abrangente das redes sociais de apoio a estas migrações – concomitantemente a inúmeras situações de desagregação familiar proporcionadas pela ausência masculina em decorrência desse fluxo – a presença feminina tomou posição central dentro da manutenção destes fluxos, concretizando expectativas de mobilidade e ascensão social. Esta mudança, percebida nos dados, também corrobora com as recentes análises de mudanças no padrão de intenção em relação ao tempo de permanência no exterior. Atualmente, segundo o Relatório sobre a divisão de População das Nações Unidas (UNFPA, 2007), dos 191 milhões de migrantes recenseados no mundo, 94,5 milhões são mulheres que deixaram seu país em busca de melhores oportunidades de vida. Destaca-se ainda o fato que hoje, em numerosos países, as mulheres representam a maioria dos imigrantes, em particular na América do Norte, na Europa, no oriente Médio e

Oceania. As mulheres representam ainda, em numerosos países, a maioria dos emigrantes, particularmente na Ásia e na América Latina.

Os brasileiros deixam seu país natal não mais em caráter temporário, mas com uma expectativa de permanecer em solo estrangeiro o maior tempo possível ou até mesmo em caráter definitivo. Podemos citar como exemplo dados levantados pela jornalista Mônica Fauss (2004), que reside atualmente em Munique. Segundo ela, dois terços dos brasileiros residentes na Alemanha pertencem ao sexo feminino, o que nos leva a concluir que as mulheres têm procurado novas oportunidades. Quando as dificuldades são muitas, as expectativas de melhoria de vida praticamente não existem. Quando atraídas pela indústria do turismo e “comércio de mulheres”, a imigração para um país do primeiro mundo passa a ser vista como uma alternativa para muitas mulheres que deixam o país com a responsabilidade de obter não somente a sua sobrevivência, mas também a de seus familiares.

Segundo Weller (2004), muitas mulheres chegaram à Alemanha através de relacionamentos estabelecidos com turistas que vieram ao Brasil. Embora a imigração feminina esteja fortemente associada à exploração sexual, esse não é o único e talvez não seja o principal motivo do já citado fenômeno da “feminização das migrações”. Com o aumento do número de mulheres no ensino superior, bem como no mercado de trabalho nas últimas décadas, também cresceu o número de migrantes do sexo feminino que saíram do país com o intuito de melhorar a qualificação profissional ou até mesmo pela curiosidade em conhecer outros países, culturas e modos de vida. O que muitas vezes foi pensado como um projeto de alguns meses ou anos (como a realização de um curso de línguas, estágio, trabalho como AuPair, entre outros) acaba se transformando numa mudança permanente para outro país, associada, muitas vezes, ao casamento e à constituição de família. Nesse sentido, a crescente imigração feminina pode ser vista também como resultado das lutas travadas pelo movimento feminista, que ampliou o acesso das mulheres à educação, ao mercado do trabalho, à escolha do parceiro (a) e ao local de moradia.

A situação não é diferente na Suíça. A Cônsul brasileira em Zurique, Vitoria Cleaver (2009, p.01), afirma: “A absoluta maioria de brasileiros na Suíça, quase 60.000 segundo a embaixada, é de mulheres“. Elas aparecem em segundo lugar na lista de preferência com quem os suíços mais casam. A brasileira Flávia Reginato (2009), que chegou à Suíça em 1990, afirma: “Às vezes a imigração, seja ela por razões amorosas, profissionais ou outras,

pode ser quase um processo traumático”. Vale ainda lembrar que, segundo Hoffmann (2009), a Suíça tem a sétima maior comunidade brasileira da Europa, estando atrás apenas do Reino Unido, Portugal, Espanha, Alemanha, Itália e França.

Brasileiras na Suíça

Na Suíça, as brasileiras formam, juntamente com as dominicanas, marroquinas e tailandesas, o maior grupo de mulheres migrantes dos chamados países do terceiro mundo ou países em desenvolvimento. Fica difícil falar em números exatos, uma vez que grande parte delas vive ilegalmente no país e sem registro em nenhum órgão (Huber, 1996). O Ministério das Relações Exteriores do Brasil estima que cerca de 60.000 brasileiros vivam atualmente na Suíça. O número é calculado de acordo com a quantidade de serviços consulares e não distingue a condição oficial dos moradores. De acordo com o Departamento Federal de Estatística da Suíça (BFS), vivem no país 14.108 brasileiros (2007). A discrepância gerada pela informação dos dois países demonstra como é grande o número de brasileiros ilegais na Suíça.

Como a cada dia fica mais difícil emigrar para a Suíça legalmente, as possibilidades se restringem a trabalhar como dançarinas, através do casamento ou como turistas. Para poder trabalhar como dançarina a mulher precisa de um visto de artista, válido por oito meses, que ela pode adquirir no consulado suíço apresentando três contratos com donos de boates. Segundo Huber (1996), ao deixar o Brasil, em decorrência dos contratos feitos pelos agenciadores, dos custos com passaporte e das despesas com a passagem, a maioria das mulheres encontram-se na condição de endividadas. Ao chegar, o que as espera não é um local fixo de trabalho: mensalmente são transportadas para outras localidades, o que impossibilita que as mesmas criem ou se insiram numa rede de relações sociais. Ao término de oito meses, muitas mulheres vão passar quatro meses no país vizinho e depois retornam.

O trabalho de uma dançarina consiste na realização de três a doze apresentações por noite, sendo que entre uma apresentação e outra ela deve sentar com os clientes e fazê-los consumir o máximo de champanhe, além de satisfazer todas as vontades deles. Uma dançarina ganha, em média, 150 francos por noite, o que parece muito, mas estando lá, depois de pagar todas as despesas, o que sobra é pouco para se manter em um país que tem um custo de vida altíssimo. Como elas precisam mandar dinheiro para os filhos e familiares no Brasil, para a

maioria delas o único caminho que resta é a prostituição. De acordo com o Centro de Imigração Feminina – FIZ (2009), 90% das dançarinas trabalham também na prostituição. Elas se submetem a discriminações, humilhações, injustiças e violências por parte dos proprietários das boates. Discriminadas por sua condição de mulher, por serem estrangeiras e por trabalharem na prostituição, elas são exploradas pelas agências, pelos donos de boates, pelos aliciadores e pelos clientes. Após certo tempo e diante de tal pressão, elas acabam por apresentar problemas psicológicos, de saúde, de dependência de drogas e/ou álcool chegando, infelizmente, algumas vezes até à morte. Oliveira e Oliveira (2008), em seu livro intitulado “Lúcia Amélia Brüllhardt: da lama do nordeste à fama na Europa”, contam a biografia de uma jovem pernambucana e sua infeliz jornada como dançarina na Suíça, o que a levou a sete tentativas de suicídio.

As mulheres que migram como turistas procuram, nos primeiros meses, tanto um marido quanto um trabalho no mercado paralelo. Segundo Baeckert (2008), elas chegam com poucos recursos e muitos sonhos, entre eles o de casar com um suíço ou de voltar ao Brasil em condições de construir uma casa própria. Não se sabe exatamente como o fenômeno começou, mas tudo indica que a propaganda boca a boca se encarregue de fazer mais e mais adeptas, assim milhares de brasileiras vão tentar a sorte como babá ou doméstica. Elas entram como turistas e assim permanecem por anos, até conseguirem um casamento ou independência financeira e a tão sonhada casa para a família no Brasil. Com este propósito, muitas deixam a família e os filhos e vão tentar a vida de uma forma aventureira. De acordo com Huber (1996), muitas delas, para se casarem com um suíço ou estrangeiro que possua um visto de permanência, chegam a pagar entre 15.000 e 35.000 francos suíços. Nestes casos, essas brasileiras (na sua maioria) vivem no mais completo isolamento e sob fortes pressões, por estarem no país de forma ilegal ou por parte dos maridos.

Uma vida na ilegalidade está geralmente ligada a medos, necessidades e a um grande peso psíquico. O acesso para tratamento médico é difícil, se não impossível, assim como para outras situações que exijam identificação. As mulheres geralmente são exploradas por não terem nenhum direito trabalhista e durante todo tempo elas devem contar com a possibilidade de serem demitidas. A maioria dos ilegais, ainda, precisa pagar por moradias improvisadas e aluguéis muito caros. O medo do controle policial está sempre presente, tendo como consequência a deportação, um pagamento em dinheiro, ou uma pena a ser cumprida. Quando essas mulheres ilegais são descobertas, elas são culpadas de entrada ilegal no país,

permanência e trabalho ilegal, a não ser que elas sejam reconhecidas como vítimas do tráfico internacional de mulheres. Se isto ficar claro, elas são deportadas para o seu país de origem e precisam voltar para as suas precárias condições de vida: voltar justamente para o lugar de onde elas fugiram. Dessa forma, a ajuda que até então mandavam para os seus familiares cessa de um dia para o outro, o que significa muitas vezes que os filhos que estudam param de estudar, e muitas famílias perdem até a casa onde moravam por não receberem mais o auxílio por elas enviado. A situação é tão difícil que a maioria dessas mulheres opta pelo casamento, como uma solução para o problema de permanecer no país (FIZ, 2009).

As mulheres casadas com suíços podem ser divididas, basicamente, em dois grupos: aquelas que encontram o futuro marido aqui no Brasil, e migram para a Suíça, e as que decidem migrar por conta própria, visando a trabalhar e construir ou reconstruir uma família. Casamentos binacionais na Suíça são comuns e desde o início dos anos 70 o número desse tipo de casamento mais do que dobrou. Somente a metade dos casamentos no país ainda ocorre entre cidadãos suíços (Hoffmann, 2009). Ainda segundo o autor, em 2007, por exemplo, 871 suíços casaram com alemãs e 673 com brasileiras! Portanto, outra vez as brasileiras aparecem em segundo lugar na preferência dos suíços. Diante do exposto, o presente estudo fez uma investigação sobre o processo de migração de brasileiras para a Suíça, buscando compreender suas motivações, dificuldades ao chegar e as circunstâncias em que vieram a se casar.

MÉTODOS

A pesquisa utilizou metodologia qualitativa. Quanto ao critério de escolha dos participantes, usamos a amostragem proposital, que também é denominada intencional ou deliberada. Por esse critério, o pesquisador escolhe deliberadamente os participantes que comporão o estudo de acordo com os objetivos do trabalho, desde que os participantes possam fornecer as informações referentes ao mesmo (Turato, 2003). As doze participantes do nosso estudo foram mulheres brasileiras que vivem na Suíça e são casadas com suíços, residindo atualmente nos estados de Basileia, Zurique ou Aarau. As entrevistadas são provenientes de diferentes estados brasileiros, possuem idade entre 28 e 51 anos, com um tempo médio de casamento de sete anos e todas têm filhos na Suíça ou no Brasil.

Dados sociodemográficos das participantes

Participantes	Idade	Motivo da migração	Tempo de casamento	Filhos suíços	Filhos brasileiros	Escolaridade
Alice	38	Casamento	10 anos	2		Superior
Amélia	51	Oportunidades	02 anos		2	Fundamental
Bernadete	40	Oportunidades	09 anos	1	3	Fundamental
Carolina	32	Oportunidades	02 anos	1		Médio
Eduarda	40	Casamento	10 anos	2		Médio
Eliana	30	Casamento	04 anos	1		Superior
Lena	32	Oportunidades	05 anos		1	Médio
Mariana	40	Casamento	10 anos	2		Superior
Patrícia	28	Oportunidades	10 anos	2		Médio
Rebeca	35	Oportunidades	04 anos		2	Médio
Rita	32	Casamento	10 anos	1		Fundamental
Suelen	32	Casamento	05 anos	1		Fundamental

Na tabela constam os dados das entrevistadas que vieram para Suíça em busca de novas oportunidades e por casamento. Podemos observar que quatro entre as seis participantes, que vieram em busca de novas oportunidades já tinham filhos de relacionamentos anteriores desfeitos, todas estavam desempregadas e necessitavam sustentar seus filhos. As duas que não tinham filhos, migraram no intuito de ajudar seus pais. As participantes que migraram em função do casamento, todas dizem dizer ter se apaixonado por um suíço e decidiram se casar e viver na Suíça, pois seria muito difícil para o marido se estabelecer no Brasil.

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista, composto por seis questões relacionadas aos objetivos da pesquisa, conduzido de forma semidirigida. Também foram preenchidos os dados sociodemográficos das participantes.

As entrevistas foram realizadas por ocasião da viagem da pesquisadora à Suíça, no período de dezembro de 2009 a janeiro de 2010. O contato foi feito através de pessoas de convivência da pesquisadora na época em que residiu na Suíça. Todas as colaboradoras vivem atualmente de forma legal, tendo sido previamente contatadas para a marcação das entrevistas. As participantes foram entrevistadas em casa ou em local que lhes era conveniente. Antes de iniciarmos a entrevista foi explicado a cada participante o objetivo da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que garante o anonimato (anexo A). Após a leitura e assinatura do termo, iniciamos a entrevista. O roteiro

das entrevistas (anexo B) foi aprovado pelo Comitê de Ética (anexo C). As entrevistas foram feitas individualmente, gravadas e depois transcritas. Seguimos a orientação de Minayo (2004) quanto ao anonimato, logo, todas as participantes tiveram seus nomes trocados, assim como os seus familiares.

Após a transcrição das entrevistas, as mesmas foram analisadas de acordo com os ditames da Análise de Conteúdo que, segundo Turato (2003), é uma das técnicas indicada para as pesquisas qualitativas. Conforme assinala Minayo (2004, p.209), ela consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico. A análise de Conteúdo Temática apresenta três etapas: a pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos resultados obtidos.

A pré-análise consiste na primeira fase, em que há a organização do material a ser analisado. Nesta etapa foi realizada uma leitura atenta de todo material fornecido pelas brasileiras, buscando selecionar as informações que estivessem em consonância com os objetivos da pesquisa. Na exploração de material, foi realizada a análise propriamente dita, ou seja, a partir da leitura do material, o texto foi recortado em suas unidades de registro, permitindo identificar as três categorias que foram trabalhadas. Em seguida no tratamento e na interpretação dos resultados, os temas emergentes foram analisados com base na literatura consultada.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção iremos apresentar e discutir os resultados encontrados nas entrevistas realizadas com doze mulheres brasileiras, de acordo com as três categorias levantadas: motivações para a migração, dificuldades encontradas no novo contexto cultural e as circunstâncias em que conheceram os seus maridos.

1. Motivações para a migração

Nesta temática, seis das participantes privilegiaram como as principais causas da migração o desejo de melhores condições de vida, de trabalho, do sonho de uma casa própria e de um possível casamento, para que pudessem permanecer no país, trazer os filhos, enfim, a

migração tinha o significado de um recomeço em suas vidas. Enquanto outras seis participantes apontaram como principal causa da migração o casamento.

Segundo Garcia (2007), se a experiência da migração é um dilaceramento, também é, ao mesmo tempo, promessa do absolutamente novo: oportunidades, possibilidades, construção de um futuro sem a mediação do passado. Viver a condição de estrangeiro é uma experiência múltipla. A forma como o indivíduo percebe-se nessa condição contribui para o êxito da emigração ou o fracasso e o retorno. Mas por que emigram? Por que se deixam cair na condição de eternos estranhos num mundo que não lhes pertence e nem os acolhe? As experiências narradas por brasileiras que emigraram sugerem uma situação de exílio atípico. Muitas delas poderiam ser classificadas como fugitivas do desemprego, da pobreza ou das poucas oportunidades. Oportunidades essas que são desigualmente distribuídas no nosso país, o que afeta o aspecto da sobrevivência, levando à busca de maiores oportunidades de emprego e renda.

De acordo com Souza (2007), o conjunto das mudanças econômicas, sociais e culturais vem levando a um aumento da migração feminina, de maneira tal que em muitos casos esse contingente supera o masculino nas migrações. Na Suíça, como podemos constatar através das informações obtidas, a presença feminina é bem maior que a masculina. Essas mulheres migram primeiramente como turistas, pois como turistas elas não precisam de visto para entrar no país. Segundo Huber (1996), as mulheres que migram como turistas procuram, nos primeiros meses, tanto um marido quanto um trabalho no mercado paralelo. Elas chegam com poucos recursos e muitos sonhos, entre eles o de casar com um suíço ou de voltar ao Brasil em condições de construir uma casa própria. Milhares de brasileiras vão tentar a sorte como babá ou doméstica. Os dados da pesquisa mostram que seis, entre as 12 mulheres entrevistadas, migraram em função da situação financeira e porque estavam desempregadas, algumas delas com filhos, objetivando conseguir um casamento e uma vida melhor. As falas a seguir testemunham o que foi dito:

Eu vim de um casamento destruído. Então eu decidi vir para a Suíça: trabalhar para construir uma casa e me casar para poder ficar aqui. (Amélia)

Eu morava no Brasil, mas não tinha vontade de ficar lá. Eu tinha ficado viúva, tinha três filhos e morava com o meu pai que era alcoólatra. Eu não achava que isso era

bom para os meus filhos. Eu vim pra cá, pra trabalhar, me casar pra dar uma vida melhor para as crianças. (Bernadete)

O que me fez mudar para cá foi a questão financeira: minha mãe já estava aqui e achava que aqui a gente podia ter uma vida melhor. (Carolina)

Eu vim para trabalhar, porque aqui é mais fácil de arrumar trabalho e eu já tinha uma irmã aqui que é casada com um suíço. (Lena)

Eu já tinha dois filhos e fui abandonada. Muitas amigas minhas tinham vindo pra cá e tinham se casado. Eu vim por isso. Inclusive na mesma rua que eu morava tinha muitas brasileiras aqui, que conheceram alguém e se casaram. Eu pensava: eu vou conhecer um príncipe encantado. (Rebeca).

Eu vim para ajudar a minha família, que estava com dificuldades financeiras. Minha prima, que é casada com um suíço, já morava aqui. (Patrícia).

Podemos perceber que quatro das participantes migraram para a Suíça porque os seus casamentos tinham terminado, elas tinham filhos e estavam desempregadas e essa condição foi determinante para a sua decisão de migrar. As outras duas eram solteiras, mas a família passava por situações financeiras difíceis. Todas elas foram, a principio, para casa de amigos ou parentes que já estavam na Suíça.

Outras seis participantes apontaram como principal causa da migração o casamento. Todas elas estavam apaixonadas e decidiram se casar e morar na Suíça. Segundo Weiss (2005), a migração, independente dos seus motivos, está ligada a fatores estressantes, tanto do ponto de vista somático quanto do psicossocial, e como afirma a brasileira Flávia Reginato (2009, p. 02): “às vezes a imigração, seja ela por razões amorosas, profissionais ou outras, pode ser quase um processo traumático“. Uma das participantes conheceu o seu marido na Suíça, e as outras cinco participantes conheceram seu futuro marido aqui no Brasil, como atestam os fragmentos a seguir:

Eu conheci meu marido no Brasil, aquele amor intenso, avassalador. Ele só ficou uns vinte dias aqui. Nós nos correspondíamos por e-mails e telefone, depois ele me convidou para passar o natal com ele e eu vim e após um tempo nos casamos. (Suelen)

Eu vim pra cá porque eu me casei com um suíço. Eu trabalhava e estudava no Brasil. Meu marido estava lá, fazendo uma pesquisa e assim nós nos conhecemos. Ele ficou três meses e depois voltou. Correspondíamos- nos, telefonávamos e depois eu vim de férias. (Eliana)

1.2. Dificuldades encontradas no contexto cultural

Neste item, as falas das participantes destacaram como principais dificuldades encontradas: língua, solidão, saudade, ilegalidade, não poder exercer a profissão, deixar os filhos, a mentalidade suíça e o preconceito.

De acordo com Daure e Coulon (2009), para o migrante a chegada ao novo país marca o início das interações com a nova cultura e com a população. Esta é, sem dúvida, a etapa mais longa da migração e, para algumas pessoas nunca acabará, ou seja, o sentimento de estar sempre em contato com o estrangeiro, com o estranho, com o que não é familiar, pode durar toda uma vida no país de acolhimento.

Souza (2007), afirma que mesmo que as condições de vida, para essas mulheres, se apresentem melhores por certo prisma, haverá sempre um choque cultural e um duro processo de adaptação, daí ser importante estudar as condições de integração no país de destino. As dificuldades encontradas por essas mulheres são inúmeras. Segundo Scheifele (2008), na migração mesmo que os motivos assim como os destinos das pessoas sejam diferentes, existem sempre semelhanças. Podemos constatar que as dificuldades apontadas pelas seis participantes que migraram para se casar são semelhantes às citadas pelas brasileiras que no primeiro momento migraram como turistas, com exceção da dificuldade referente à ilegalidade, que é um grande problema. Segundo Maurer e Janotta (1998), algumas das principais dificuldades apontadas pelas brasileiras ao chegar à Suíça, foram o aprendizado do idioma, solidão, a mentalidade suíça, saudades, o clima frio, a perda da espontaneidade, a

falta de amigas e a discriminação por serem estrangeiras, além do problema da ilegalidade, para as que vieram a princípio como turistas.

Esses mesmos problemas foram confirmados nas entrevistas que realizamos: as dificuldades começam pela língua. Nenhuma das mulheres entrevistadas sabia a língua alemã ao chegarem à Suíça. Acrescente-se a isso o fato de que, na Suíça, na parte alemã, existe em cada estado (cantão) um dialeto, o que torna a comunicação ainda mais difícil. Muitas mulheres, quando têm a oportunidade, vão para um curso de alemão, mas aprendem o chamado alto alemão (Hochdeutsch), ou seja, o alemão falado na Alemanha. Porém, na Suíça alemã, as pessoas falam o suíço alemão, um dialeto que varia conforme o estado em que se está. Por exemplo, existe o züridütsch (o dialeto de Zurique) e o baslerdütsch (o dialeto de Basileia), ou ainda o berndütsch (o dialeto de Berna), entre muitos outros. De acordo com Pereira (1998), muitas pessoas se vêm reduzidas quase a uma criança, pois elas têm que aprender tudo de novo.

Quando eu cheguei aqui o mais difícil era a língua e viver ilegal. Eu não tinha interesse de aprender a língua não. Eu só queria ganhar dinheiro e voltar, mas se a gente tá aqui tem que aprender pelo menos um pouco e aí eu me dediquei e aprendi, mas ainda tenho muitas dificuldades. Eu tenho que continuar a estudar. (Carolina)

A língua é a mais complicada que eu já ouvi e por isso eu não queria ficar aqui, mas como minha mãe estava doente, eu tinha que trabalhar para mandar dinheiro pra ela. Eu saía de casa muda e voltava calada. Eu tinha saudade de tudo que eu tinha lá e não tinha aqui. Isso foi o mais difícil. (Lena)

Com a migração, pode haver uma redução na competência individual, pois elas se sentem incapazes de realizar as tarefas do dia a dia. Elas entram em um processo de dependência, pois não sabem falar e nem conhecem as regras de comportamento social. Há, de forma geral, uma ausência de um preparo linguístico, o que coopera para uma dependência quase que total do cônjuge e dificulta a socialização.

Eu me senti dependente de tudo, eu me senti frustrada por não ter o idioma e não poder falar com as outras pessoas. Eu fiquei complexada. Era tudo muito diferente.

Aí eu comecei a conhecer as pessoas com os olhos. Eu tentava entender o que era falado pela forma como me olhavam, como agiam, não pelo idioma. (Rita)

De acordo com Figueiredo (2005), nas relações sociais, as necessidades de comunicação emergem. Ser capaz de lidar com as necessidades sociais implica em ser socialmente hábil. A falta da comunicação verbal faz com que a pessoa, como no caso de Rita, procure outras formas de comunicação como a não verbal. Rita passou a conhecer as pessoas pelos olhos, pela expressão facial, pelo tom de voz. Embora que, em se tratando da comunicação não verbal em uma cultura diferente, corremos o perigo de não interpretarmos corretamente o que está acontecendo, pois pessoas de outras culturas podem expressar seus sentimentos de forma diferente.

A falta da língua ou a precariedade com que a língua do país é falada, além de outros problemas, leva facilmente ao isolamento e a solidão. Souza (2007) afirma que talvez um dos maiores problemas das mulheres imigrantes seja a solidão, inclusive, a solidão das mulheres casadas, como podemos contatar na seguinte fala:

O impacto que eu senti quando cheguei aqui foi a solidão. Eu vivia em um Dorf (cidadezinha). Eu não via ninguém. Na televisão eu não entendia nada. Eu sentia saudades e solidão. Eu passava a semana todinha sem ouvir nada, nem um barulho. Até a música alta do vizinho chato no Brasil, seria melhor que o total silêncio. (Suelen)

Segundo Weiss (2005), a migração pode possibilitar uma nova orientação e uso de outros recursos econômicos e sociais, mas de toda forma está sempre ligada ao estresse. A experiência da migração é vivenciada de forma pesada e gera muita insegurança. A teoria do choque cultural nos mostra que quanto maior for a diferença entre o país de origem e o país de destino, maior a dificuldade de integração:

Nos dois primeiros anos eu só fazia chorar, eu só queria voltar. Foi aí que eu comecei a perceber que a minha vida aqui não tinha nada a ver com a de lá. Eu estava como Alice no país das maravilhas: tudo maravilhoso, organizado, mas tudo muito estranho. Eu não estava gostando- o povo muito frio, e você sem falar a língua. Mas

quando eu comecei a aprender a língua, também eu entendi que o povo pensa de outra forma. (Mariana)

Uma dificuldade a mais vivenciada no dia a dia pelas participantes que vieram como turistas é a ilegalidade, uma vez que, mesmo quando essas mulheres estão dentro dos três meses de permanência permitidos na Suíça, quando elas começam a trabalhar se tornam ilegais, pois como turista isso não é permitido. Segundo Weller (2004), um dos maiores problemas da “clandestinidade” é a convivência permanentemente com o temor de ser descoberto e das consequências decorrentes desse processo. Nesse sentido, migrantes “sem papéis” são obrigados a desenvolver uma série de estratégias e mecanismos para manter o *status* de alguém que oficialmente não existe e que não vive no país. São obrigados, por exemplo, a evitar locais em que, eventualmente, possam ser controlados pela polícia (restaurantes ou associações de migrantes, manifestações públicas), a vestir-se de forma que não chame a atenção e jamais poderão entrar no ônibus, bonde ou trem sem comprar o bilhete. Os seguintes trechos exemplificam o que foi dito:

Quando eu cheguei, as dificuldades foram muitas. Eu vim com a mala cheia de sonhos, mas trabalhar sem papel e sem saber alemão é muito difícil. Logo veio a realidade. (Rebeca)

Viver aqui ilegal é o mais difícil. Eu tinha medo de ser controlada pela polícia nos ônibus, nos trens, na ruas e não podia voltar ao Brasil, pois se eu sáisse dá Suíça não poderia retornar. (Amélia)

A ilegalidade torna impossível conseguir um emprego no mercado formal e a necessidade de permanecer “invisível” faz com que muitas mulheres busquem trabalhos como empregadas domésticas ou babás, uma vez que nesses locais dificilmente ocorrerá uma blitz policial. As entrevistadas logo que chegaram à Suíça trabalhavam em casas de famílias como faxineiras ou como babás, uma delas como dançarina e outra como prostituta, como testemunha a seguinte fala:

Na minha cidade eu era costureira, tinha minha profissão. Aqui tive que ser faxineira. Ilegal e sem a língua é difícil conseguir outra coisa. Não adianta saber falar inglês ou

espanhol tem que saber falar o alemão mesmo. Quem é doutora no Brasil e pensa que vai ser doutora aqui também, é ilusão. Não é assim não. As pessoas pensavam que eu vim pra cá me prostituir, mas eu nunca fiz isso não. (Amélia)

Vale salientar que mesmo para as participantes que foram para se casar, uma das dificuldades enfrentadas foi não poder exercer a sua profissão. Bogus e Bassanezi (2001) enfatizam que migrantes brasileiros, documentados ou não, são alvos de preconceito e discriminação. Há muitas dificuldades sociais e barreiras culturais enfrentadas pela população imigrante. Além do mais, vale salientar que a legalidade das mulheres casadas com suíços nem sempre facilita a inserção no mundo do trabalho. Em muitos casos as experiências profissionais são contestadas e os diplomas não são aceitos, como confirmam as seguintes alocações:

Meu maior objetivo era continuar trabalhando na minha profissão. Eu sou psicóloga e queria trabalhar sendo psicóloga! Eu me deparei também com o preconceito. Eles pensam que só tem brasileira com pouco grau de instrução. Eu não tenho nada contra estes trabalhos (babá, diarista), mas eu não passei seis anos na faculdade pra fazer isso. Meu principal objetivo foi e é frustrado. Eu tenho que me reintegrar no mercado de trabalho, mas na minha área é muito difícil. (Eliana)

No nível profissional eu não tive nenhuma oportunidade, eu tinha terminado Serviço Social. Trabalhei um tempo cuidando de crianças numa creche americana. (Alice)

Além disso, muitos maridos preferem que a esposa não trabalhe fora, como é o caso de uma participante de nossa pesquisa, que revela que ao compartilhar com o marido o desejo de estudar para ter uma profissão, ele não concorda, achando que é melhor que ela permaneça em casa.

Eu queria fazer um curso de Erziehrin (educadora para trabalhar em creches), mas meu marido disse: "Tenha mais um filho e fique em casa educando os seus próprios filhos." (Eduarda)

Para as que têm filhos, deixá-los no Brasil, geralmente com os avós ou tios, é uma dificuldade a mais que geralmente traz muita tristeza, como vemos nos trechos abaixo:

Deixar um filho no Brasil é algo muito triste, mas eu ligava de duas a três vezes por semana para ver como ele estava e mandava dinheiro. Foi muito difícil pra ele. Eu sofria aqui e ele lá. Ele dizia: "mãe vem embora". Isso me matava, mas eu não podia ir. (Amélia).

Eu trabalhava para mandar dinheiro para os meus filhos, que eu tinha deixado no Brasil com a minha mãe. Eles sofreram muito e não conseguiram entender. O dia a dia foi muito difícil. (Rebeca).

O preconceito é outra das dificuldades encontradas pelas brasileiras na Suíça, independentemente de serem legais, ou ilegais no país, pelo fato de serem estrangeiras. Sendo um fator agravante, o estereótipo que é passado da mulher de nosso país. Infelizmente a imagem que os suíços têm dos brasileiros e, principalmente, das brasileiras, é bastante conhecida. Pereira (1998) afirma que a imagem da mulher brasileira é passada com uma grande leviandade. A mulher brasileira é fácil, sabe dançar muito bem e não leva nada a sério. Essa idéia da mulher brasileira e do Brasil é, entre outras, consequência da forma como durante muitos anos a imagem do Brasil foi vendida. Bastava olhar os catálogos de viagem, para se saber como éramos (ou ainda somos) representadas, sendo o aumento do nível do turismo sexual para o Brasil prova disso. Hoje o Nordeste está fazendo concorrência com a Tailândia e a República Dominicana e é visitado não somente por turistas interessados nas belas praias, mas, principalmente, por turistas interessados nas mulheres que estão por lá. Felizmente está havendo muita mudança no campo da propaganda, mas ainda é preciso fazer muito. Podemos perceber que todas essas dificuldades são vividas diariamente, como mostram os seguintes excertos das entrevistas:

Existe muito preconceito com a mulher brasileira, com o estereótipo da mulata e da mulher bonita, e assim os suíços pensam que todas as brasileiras são assim. (Lena)

A Suíça é meio preconceituosa. Uma vez eu saí com uma calça verde e amarela, escrita Brasil, e teve gente que mudou de calçada. Aqui a gente tem que se adaptar aos outros. Tem que ter adaptação. Se não, a gente não se acha em casa não. (Patrícia)

A mentalidade suíça é apontada com uma das dificuldades, porque culturalmente o brasileiro e o suíço são muito diferentes, sendo justamente essa a diferença que as brasileiras relataram:

Aqui na Suíça eu estava na casa de uma amiga casada com um suíço. Ele não pensa como a gente. Eu já queria voltar porque não era o que eu havia pensado. (Rebeca)

Quando eu cheguei à casa de minha irmã foi difícil. O marido dela tem outra cultura. A gente é mais aberta. Família aqui é aquele negócio de viver cada um no seu quadrado. Eles têm uma cultura fria como o clima. Nós somos diferentes, espontâneos, alegres. Eu tinha medo de perder a minha alegria, tentava me divertir, mas era como se eu estivesse sozinha no meio da multidão. Eu tinha 18 anos. (Lena)

1.3. Circunstâncias em que o casal se conheceu

Nesta temática, as falas de seis participantes que foram em busca de melhores oportunidades mostraram que elas conheceram seus maridos por intermédio de amigos ou parentes que já residiam na Suíça, mas também em sites de relacionamento, jornais e festas. Enquanto as participantes que vieram para se casar, cinco conheceram seu marido no Brasil. E apenas uma conheceu seu marido durante uma viagem que fez a Suíça.

Todas as entrevistadas que foram em busca de melhores oportunidades de vida, depois de certo período na Suíça, por diferentes motivos como querer permanecer na Suíça, sair da ilegalidade ou trazer os filhos que estavam no Brasil, acabaram por optar por um casamento que, a princípio, não foi baseado no amor, como testemunham as seguintes falas:

Eu conheci meu marido através de um anúncio que eu botei no jornal. Você sabe isso é comum aqui. Eu recebi 34 cartas, várias eram lixo, mas duas me interessaram por causa da língua. Eles falavam espanhol e eu entendia um pouco. (Amélia)

Eu estava vivendo ilegal, tinha que trabalhar e mandar dinheiro para o meu pai para sustentar os meus filhos. A minha irmã vivia dizendo: "Você tem que casar! Você tem que casar!" Aí eu conheci meu marido numa discoteca e morei três meses com ele.

*Depois eu fui para o Brasil e voltei com os meus filhos e me casei com ele.
(Bernadete)*

Mas acontece que eu me apaixonei pela Suíça, pela situação que eu vivia aqui, pela questão financeira. Eu pensava: meu Deus, quando eu voltar para o Brasil eu não vou ter isso! Então eu resolvi me casar, eu conheci meu marido pela internet, no site de relacionamento com suíços. (Carolina)

Eu fui apresentada a um senhor, que fazia quatro meses que estava separado. Quando eu o conheci, eu fui logo verdadeira. Eu disse: eu tenho dois filhos. Eu quero construir uma família. Então ele disse: "Nós nos casamos e você vai buscar as crianças." Três meses depois nos casamos e eu fui buscar as crianças no Brasil. (Rebeca)

O casamento com um suíço foi realizado, se assim podemos dizer, porque foi necessário. Essas brasileiras queriam permanecer na Suíça e a única de forma de continuar legalmente no país seria o casamento com um suíço ou com um europeu que possuísse um visto de permanência. Permanecer ilegal no país é uma condição muito delicada, de constante perigo e estresse emocional. Todas elas estavam desempregadas no Brasil, com famílias ou filhos dependentes delas, o que certamente levou-as a pensar não somente nelas, mas também nos familiares e nos filhos, uma vez que o casamento regulariza sua situação no país e para as que têm filhos lhes dá a oportunidade de trazê-los. Janka e Athole (2003) afirmam que o visto dado às mulheres migrantes estipula claramente que o casamento é a única justificativa para sua estadia na Suíça. Vale ressaltar o fato de que não queremos dizer que durante o casamento o amor não possa vir a ser construído, mas que, no primeiro momento, o casamento é realizado em função de outros motivos como confirma o seguinte trecho discursivo:

Na realidade eu não casei porque estava apaixonada, casei porque aconteceu. O nosso relacionamento foi se construindo devagarzinho. O relacionamento aqui tem um jeito diferente. (Patrícia)

Segundo Keller (1997), uma das razões da elevação do número de migrantes brasileiros na Suíça refere-se ao papel de destaque que o Brasil ocupou no âmbito do empreendimento turístico, atraindo muitos europeus para conhecer de perto o chamado “exotismo tropical”, o

que resultou no aumento de casamentos interculturais entre brasileiras e suíços. Cinco entre as seis participantes da nossa pesquisa conheceram seu marido no Brasil, o que corrobora com Keller:

Eu era garçõete e ele estava de férias no Brasil; foi no trabalho que nós nos conhecemos. Quando eu pedi demissão para viajar, todo mundo foi contra. Todo mundo me metia medo. Isso é perigoso. Eu pensei: se for de dar certo, Deus vai me ajudar, eu não desisto. (Suelen)

Meu marido estava de férias no Brasil e nós nos conhecemos. Ele disse que eu era a mulher da vida dele. Em um mês estava casada e na Suíça. Eu vim por amor, tinha 26 anos. (Rita)

Meu marido estava lá (no Brasil), fazendo uma pesquisa e assim nós nos conhecemos. Ele ficou três meses e depois voltou. Eu vim aqui de férias com ele e assim continuamos. (Eliana)

Só uma das participantes conheceu seu futuro marido na Suíça, por ocasião de suas férias, como nos mostra a seguinte fala:

Quando eu terminei a faculdade eu vim passar umas férias aqui, na casa de uma prima, e no segundo mês eu conheci o meu marido. . Eu fiquei morando com minha prima e aí eu permaneci ilegal depois dos três meses que é permitido ficar aqui. Então ele foi ao Brasil conhecer meus pais, voltamos e com quatro meses estávamos casados. (Alice)

Podemos perceber que todas as brasileiras que foram para a Suíça, em função do casamento conheceram seus maridos durante as férias, seja na Suíça ou no Brasil, e passam por muitas dificuldades, o que corrobora com a afirmação de Smith (2006), de pessoas que escolhem parceiros de casamento enquanto estão longe de parentes, do ambiente familiar e de contatos sociais, podem não ter a perspectiva equilibrada de avaliar objetivamente as características emocionais do amigo de outra cultura. Seu julgamento pode ser limitado por uma falta de "normas" a serem consideradas. Como vimos o processo de migração,

independente de seus motivos pode ser considerado muito difícil, mesmo quando a brasileira migra em função de um casamento previamente planejado e desejado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização e as novas formas de tecnologias, bem como as mudanças no papel social da mulher, têm contribuído para o aumento da migração feminina e, por sua vez, com os casamentos interculturais. Porém, constatamos que essas mulheres ao migrarem, de modo geral, não estavam conscientes das dificuldades que seriam enfrentadas ao deixar o seu país. Muito claro para as mulheres pareciam ser as facilidades que estas teriam ao deixar o Brasil, pois várias delas migraram acalentadas pelo sonho de ter encontrado ou de encontrar um príncipe encantado, pensando que iriam viver como em um conto de fadas “felizes para sempre.” A realidade do dia a dia, no entanto, se mostra bem diferente.

Os motivos da migração feminina são vários: desemprego, falta de condições financeiras, reconstrução familiar ou mesmo razões amorosas. Os resultados mostraram que muitas brasileiras que migram para Suíça como turistas se confrontam com restritas leis de migração e acabam se casando para poder permanecer na Suíça, além de se depararem com a falta de oportunidades também ao retornar ao Brasil. As que se apaixonaram por um suíço e que migraram por razões amorosas, terminaram se casando rapidamente em função das leis de migração, que só permitem sua permanência na Suíça por um período limitado.

Pode-se constatar que existe também uma pressão, por parte dos conhecidos e familiares que já vivem na Suíça, para que a mulher que migrou como turista logo se case e assim possa resolver a sua permanência no país, ou seja, possa resolver o problema da legalização. Só assim elas poderão dar continuidade à sua vida independentemente dos familiares ou conhecidos. Ao mesmo tempo, é um fato que muitas delas sentem-se pressionadas a se casarem por terem deixado filhos no Brasil e desejarem levá-los para o seu convívio familiar. Constatamos que, independente dos motivos, as dificuldades vivenciadas para a adaptação das brasileiras são inúmeras, sendo a língua apontada por todas as participantes da pesquisa como uma grande dificuldade, pois na Suíça muitos ainda pensam que quando uma pessoa não sabe falar direito, ela também não sabe pensar direito.

O choque cultural é grande em razão da diferença cultural entre o Brasil e a Suíça. A mentalidade suíça, em função de sua história e também de ser um país do velho mundo e pós-industrial, é muito diferente da mentalidade brasileira, que é um país jovem e em desenvolvimento. Segundo Pereira (1998), quando tudo na vida de uma pessoa, sua cultura e seu papel social, é questionado, então se faz necessário criar uma nova pessoa, mas isso é muito difícil porque há o imperativo de ter que aprender tudo de novo: como se fala, como se age, novas regras sociais, entre outras inúmeras exigências decorrentes desse novo contexto.

A dependência do cônjuge também é apontada por algumas participantes como uma frustração. Em outras palavras, o que elas esperavam com a migração, tudo que idealizaram, para a maioria, acabou por não concretizar-se. A possibilidade de inserção no mercado de trabalho, por parte das participantes que já possuíam o nível superior, ao migrarem para a Suíça, não foi possível, apesar de estarem legalmente no país.

Apesar da existência do mito de que todas as mulheres que estão fora do Brasil, vivendo em outros países, vivem muito bem, como se elas não tivessem problemas, os resultados desta pesquisa, de maneira geral, apontam para uma outra realidade. Pereira (1998) escreveu sobre a inveja e a admiração que as pessoas, no Brasil, têm acerca daquelas que vivem na Suíça, achando que têm tudo por morarem num país rico, mas não sabem das situações desagradáveis que enfrentam e que, muitas vezes, são mantidas em segredo pelas próprias mulheres. Para a autora, isto está ligado à ilusão que se tem de que a Europa é um paraíso. Oliveira e Oliveira (2009), em seu livro “Lúcia Amélia Brüllhardt: da lama do nordeste à fama da Europa”, como já foi mencionado, contam a biografia de Lúcia, uma brasileira que migrou para a Suíça como dançarina e alertam sobre todas as dificuldades que ela enfrentou. Atualmente Lúcia tem um projeto chamado “Madalenas: viver e vencer no Brasil”. O projeto tem como objetivo alertar e informar jovens sobre as dificuldades de aceitar trabalhos no exterior, seja como artista, babá, cozinheira ou por uma simples proposta de casamento. Ela encerra a sua biografia dando o seguinte conselho: “às jovens brasileiras, o conselho que dou, é que cada uma de vocês estude, viva e vença no Brasil.”

Dada a complexidade do tema em questão, principalmente em função dos diferentes motivos para a migração, seria grande pretensão achar que podemos esgotar as possibilidades de pesquisa sobre ele. Consideramos, entretanto, que nos foi possível fazer um mapeamento inicial sobre a questão, mas certamente novas investigações se fazem necessárias. À medida

que fazíamos nossa revisão de literatura e, especialmente a análise das falas das participantes, surgiam novos questionamentos que os estudiosos da migração feminina até agora não puderam articular. Como focamos nosso interesse, a princípio, nos motivos da migração, bem como no impacto da chegada das brasileiras à Suíça, a sua percepção da nova realidade, as dificuldades vivenciadas e o que as levou ao casamento, há outros pontos não menos importantes que foram preteridos e podem ser considerados em pesquisas futuras. No entanto, acreditamos ter contribuído, principalmente, no sentido de sensibilizar os profissionais e as famílias para os problemas relacionados à migração, objetivando conscientizar tanto as mulheres que migram para trabalhar, quanto aquelas que conhecem um europeu aqui no Brasil e decidem migrar, sobre a realidade da migração e as suas conseqüências.

REFERÊNCIAS

- Ammann, S.B. (2006). *Brasileiros na Suíça: por que deixam o Brasil?* Acessado em 06.05.2010 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/index/brasileiros_na_Suíça
- Ammann, S. B. & Ammann, P. (2006). *Por que os migrantes brasileiros escolhem a Suíça como destino?* Acessado em 06.05.2010 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/especiais/cronicas_do_estrangeiro/por_que_os_emigrantes
- Amazonas, M. C. L. A., Dias, C. M. S. B. & Santos, G. A. (2009). Conjugalidades interculturais e relações de gênero. In: L. C. Osório & M. E. Pascual do Valle (Org.). *Manual de Terapia Familiar* (pp. 74-87). São Paulo: Artmed Editora.
- Baeckert, L. T. (2008). *Os sonhos das babás brasileiras ilegais na Suíça*. Acessado em 06.05.210 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/reportagens/Os_sonhos
- Bogus, L.M. & Bassanezi, M. S.. (1998). *Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social*. Acessado em 20.05.2010 e recuperado em <http://www.classical.edu>.
- Bundesamt für Statistik –BFS. (2007). In: *Binational (Preliminary Remarks)*. Acessado em 19.11.2008 e recuperado em <http://www.binational.ch/en/fragen/vorbemerkung.html>
- Cleaver, V. (2009). *Ninguém pode integrar outra pessoa*. Acessado 19.11.2008 e recuperado em <http://www.swissinfo.ch/por/sociedade>
- Centrum für Binationale und Interkulturelle Paare und Familien – ECB. (1999). Acessado e 10. 05.2009 e recuperado em <http://www.cbif.at>
- Daure, I & Reveyrand-Coulon, O. (2009). *Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de migração*. Acessado em 10.04.2010 e recuperado em <http://www.sielo.br/sielo>.

- Fankhauser, P. (2006). *Schweiz Informationen*. Acessado em 14.05.2010 e recuperado em <http://www.swisswold.org.de>
- Fachstelle Frauenhandel und Frauenmigration- FIZ . (2009). Acessado em 24.04.2010 e recuperado em <http://www.fiz-info.ch/index.php?page 483>
- Fauss, M. In: Weller, W. (2004). *Revista Scalabriniane del Mondo*. n.22, Brasília: CSEM.
- Figueiredo, P. M.V.(2005). *A influencia do locus de controle conjugal nas habilidades sociais e na satisfação do casamento*. Acessado em 20.05.2010 e recuperado em <http://ciênciaecognição.org>
- Franken, I., Coutinho, M.P. & Ramos .(2008). Migração, qualidade de vida e saúde mental: Um estudo com brasileiros migrantes. In: N. Ramos (org.). *Saúde, migração e Perspectivas teóricas e práticas* (pp. 177-212). João Pessoa: Ed. Universitária, UFPB .
- Garcia, L. (2007). Mulheres Transnacionais. *Imaginário*. USP, (13), 379-398.
- Hoffmann,G. (2009). *Brasileiras em segundo lugar na preferência dos suíços*. Acessado em 05.06.10 e recuperado em <http://www.swissinfo.ch/reportagens/brasileiras>
- Huber, L. (1996). Nos trajetos da sujeição: brasileiras na Suíça. *Travessia – Revista do migrante*. N°. 26, São Paulo: Peres, 35-37.
- Janka, V. & Athoele, A. (2003). Estrangeiras sonham amor alpino. Acessado em 27.09.2010 e recuperado em [http://www.swissinfo.ch/por/index/estrangeiras_sonham_amor_alpino_\(I\)](http://www.swissinfo.ch/por/index/estrangeiras_sonham_amor_alpino_(I))
- Keller, B.P. (1997). *Imigrantes brasileiros na Suíça: histórias de vida e estratégias de ação*. Instituto Universitaire D'études Developpment, Berna, Suíça.
- Maurer, S. & Janota, M. R. (1998). Grupo de trabalho. *I Encontro Nacional de Brasileiras na Suíça*. Berna.
- Minayo, M. C. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª edição. São Paulo: Hucitec.
- Ministério das Relações Exteriores – MRE. (2009). *Notícias para o Mundo*. Acessado em 06.05.2010 e recuperado <http://www.swissinfo.ch.sociedade/Emigrantes>
- Oliveira, A.C.(2003). *Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceito*. Franca: UNESP.
- Oliveira, G.M. & Oliveira S. (2008). *Lúcia Amélia Brüllhardt: Da lama do Nordeste a fama na Europa*. Recife: Nossa Livraria.
- Pereira, C. (1998). Migração: história, aspectos legais e situação das migrantes na Suíça. In: *I Encontro Nacional de Brasileiras na Suíça*. Berna.
- Ramuz, C. F (1947) Bergler und Igelmentalität. Acessado em 10.05.2010 e recuperado em <http://www.swisswold.org.de>

- Reginato, F. (2009). Palestra. *IV Encontro Nacional de Brasileiros na Suíça*. Berna.
- Scheifele S. (2008). *Migration und Psyche*. Gissen, Alemanha: Psychosozial.
- Smith, R. C. (2006). *Duas culturas, um casamento*. Acessado em 10.09.2010 e recuperado em http://dialogue.adventist.org/articles/10_2_smith_pp.htm
- Souza, I. C. F.(2007). A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Imaginário*, (13), 399-415. São Paulo: USP.
- Turato, E. R.(2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.
- Weiss, R. (2005). *Macht Migration Krank? Eine transdiziplinäre Analyse der Gesundheit von Migrantinnen und Migrant*. Zurique, Suíça: Seismo.
- Weller, W. (2004). Entrevista. *Revista Scalabriniane del Mondo*. n.22, Brasília: CSEM.

CASAMENTO INTERCULTURAL E SUAS PECULIARIDADES: BRASILEIRAS CASADAS COM SUÍÇOS

*Flavia de Maria Gomes Schuler
Cristina Maria de Souza Brito Dias
Universidade Católica de Pernambuco*

RESUMO

O casamento intercultural nos tempos da globalização já não é nenhuma novidade. Na medida em que as barreiras a tais uniões vão diminuindo, conseqüentemente, elas vão ganhando espaço. Vemos uma crescente mobilidade das pessoas, seja através do turismo, da migração ou ainda dos avanços tecnológicos, que nos permitem estar conectados ao mundo. Na Suíça, por exemplo, 50% de todos os casamentos realizados são interculturais e as brasileiras estão em segundo lugar na lista das mulheres com quem os suíços mais se casam. Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral estudar o casamento entre brasileiras e suíços e as repercussões deste casamento em suas vidas. De maneira mais específica analisamos: 1. Os elementos facilitadores e dificultadores da convivência; 2. O processo de adaptação ao novo país, adequação à família do cônjuge e ao próprio casamento; 3. Os sentimentos experimentados e as necessidades sentidas. Participaram da pesquisa doze mulheres casadas com suíços, que vivem na Suíça, na parte alemã. As participantes responderam a uma entrevista com questões relacionadas aos objetivos da pesquisa e aos dados sociodemográficos. As entrevistas foram examinadas segundo o método de Análise de Conteúdo Temática. Entre os aspectos positivos destacaram-se uma nova visão do mundo e o aprendizado de uma nova língua. Entre as dificuldades percebidas, por sua vez, destacaram-se os problemas com a cultura, a língua e a criação de filhos, pois o convívio com a família do cônjuge é distante e a adaptação à nova cultura envolve muitas mudanças. A experiência como um todo foi vista com ressalvas, sendo necessários diálogo, respeito à diferença e à cultura do outro, no processo de adaptação. Além disso, retornar ao Brasil fica difícil em função do marido e dos filhos, além da violência e da falta de oportunidades, que percebem no mesmo, embora, na maioria, haja o desejo de voltar.

Palavras- chave: Casamento, interculturalidade, brasileiras, suíços.

ABSTRACT

Intercultural marriages in the age of globalization are no longer news. As the barriers to these unions are diminishing, consequently, they are progressively gaining space. We see a rising mobility of people by tourism, migration or even technological advances that permit us to be connected with the world. In Switzerland, for instance, 50% of all the marriages realized are intercultural and Brazilian women are in second places of the list of women with whom Swiss mostly marry. Before the exposed, this research had as general objective to study the marriage between Brazilian women and Swiss men and the repercussions of this marriage in their lives. More specifically we analyzed: 1. the processes that brought facilities and difficulties into the coexistence. 2. The process of adaptation to the new country, to the family in law, and to the marriage itself. 3. The feelings experienced and the needs felt. Twelve Brazilian women who are married to Swiss men and live in the German part of Switzerland participated. The participants answered to an interview with questions related to the objective of the research and social-demographic data. The interviews were analyzed with the Analysis of thematic content. Between the positive aspects stood out a new world-view and the learning of a new language. Between the difficulties realized, stood out the problems with the culture, with the language, and with the educations of the children, as the coexistence with the family in law is distant and the adaptation to a new culture involves a lot of changes. The experience in general was viewed with certain reservations. Nevertheless, returning to Brazil is difficult because of their husband and children, the violence and lack of opportunities, even if there is a wish to return.

Keywords: Marriage; interculturality; Brazilian women; Swiss men.

INTRODUÇÃO

Segundo Perel (2000), não é possível continuar ignorando a crescente heterogeneidade do mundo em que vivemos. Trata-se de uma mistura cultural potente que não mais se limita às grandes cidades, mas penetra em nossa vida por meio da televisão a cabo e da internet, que chega aos nossos escritórios, via fax, e lares, na escolha de parceiros românticos de diversas culturas tão comuns hoje. Estamos vivendo na era da globalização, caracterizada por mudanças sociais rápidas e grandes avanços tecnológicos. Zini e Arantes (1996) definem a globalização como uma ampliação das trocas entre pessoas de diferentes culturas. As autoras reconhecem que essa troca já acontece há muito tempo, mas não na velocidade em que ocorre atualmente. Todas essas mudanças estão influenciando as diversas culturas e, obviamente, o comportamento das pessoas.

O casamento intercultural nos tempos da globalização já não é nenhuma novidade. Hoje é possível manter relacionamentos com pessoas de outros continentes sem sair de casa. Desta forma, este tipo de casamento coloca em questão desafios intelectuais e emocionais, sendo definido por Romano (1997) como a união entre duas pessoas de culturas diversas, como também de diferentes países, que pode incluir, mas não necessariamente, diferentes raças e/ou religião. Perel (2000) afirma que estudar os casais formados por pessoas de origens diversas leva-nos a esbarrar com diferentes pontos de vista, o que nos ajuda a compreender como eles se adaptam aos conflitos culturais e como reagem ao fenômeno contemporâneo da marginalidade e da mudança cultural.

Segundo Hollenstein (1994), só na Alemanha vivem mais de dois milhões de pessoas em famílias interculturais e nos Estados Unidos apenas 25% entre todos os casamentos realizados são entre pessoas da mesma cultura. Segundo o Departamento Federal de Estatísticas da Suíça (BSF), em 2007, 50% de todos os casamentos realizados na Suíça foram casamentos interculturais. Pesquisas mostram que, na atualidade, famílias interculturais constituem uma grande parte da população europeia (ECB 1999) e, por que não dizer, do mundo. Vale ainda salientar que as famílias interculturais são consideradas as famílias do futuro.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é apresentar resultados de uma pesquisa realizada com brasileiras casadas com suíços. O referencial teórico abordará as peculiaridades do relacionamento intercultural e as características do casamento de brasileiras com suíços, para, em seguida, apresentarmos o método utilizado, os resultados e discussão dos mesmos.

Peculiaridades do casamento intercultural

Segundo Hotvedt (2002), o tema “casamento intercultural” é vasto e complexo e, de acordo com Perel (2000), ele não tem recebido a atenção que merece por ser um fenômeno novo, tendo se acentuado a partir dos anos 50. Apesar disso, indivíduos de diferentes credos, culturas, nacionalidades e raças têm estabelecido relacionamentos afetivo-sexuais passageiros ou duradouros e, neste último caso, trazem à tona novos modelos de família e de comportamento que se adaptam em um mundo em constante transformação.

Este tipo de casamento, como qualquer outro, geralmente começa com base nas similaridades e na idealização do(a) parceiro(a). As diferenças são, a princípio, relegadas como não importantes, interessantes ou atrativas. Porém, com a convivência e com a formação de uma família, todas essas diferenças vêm à tona na forma de valores e papéis, o que torna o relacionamento mais complexo. Segundo Carvalho, Hoffmeister e Schmidt (2009), no começo, quando pessoas de diferentes nacionalidades se apaixonam, tudo é muito excitante! Essa diferença cultural é justamente o ponto central de aproximação. Mas, com o tempo, ela pode causar muitos problemas.

De acordo com Amazonas, Dias e Santos (2009), a construção de uma conjugalidade demanda grande investimento por parte de um casal. São duas histórias de vidas familiares distintas que se encontram, duas tradições diferentes, duas visões de mundo, sem falar na pluralidade de subjetividade, tanto por parte da família de um, como da do outro, que se mesclam. Imaginemos, então, quando as pessoas envolvidas neste tipo de conjugalidade, além de lidar com todos esses fatores, ainda se deparam com o encontro entre duas etnias – nacionalidades também distintas. Smith (2006), concordando com as autoras acima, diz que cada cônjuge traz para o casamento uma lista não escrita do que fazer ou não fazer, do que dizer ou não dizer. Essas diferenças individuais, aprendidas em diferentes ambientes culturais, podem ser tão difíceis de administrar que os mal entendidos e os conflitos tornam-se inevitáveis. Quando diferenças culturais ou raciais são adicionadas às diferenças de família,

região ou classe social, a probabilidade de surgirem conflitos aumenta consideravelmente. Logo, podemos concluir que os casamentos interculturais merecem mais atenção. Casar com alguém de outra cultura significa casar com aquela cultura também. Pensar que a pessoa com quem casamos vai se desligar totalmente da sua cultura é dos mais graves erros.

Pesquisas mostram que as sociedades diferem quanto à aceitação de casamentos interculturais; embora inexistam barreiras legais a esses casamentos, sabemos que existe muito preconceito e discriminação. Segundo Perel (2000), as reações aos casamentos interculturais nos Estados Unidos se polarizam: ou eles são bem-recebidos e tolerados, ou são enfrentados com xenofobia (ódio ao estrangeiro). Em um extremo, existe a visão de que essas uniões são testemunhas do poder do amor que transcende as fronteiras tradicionais. No outro, há uma visão alarmista que vê esse tipo de união como uma ameaça à identidade nacional. De acordo com Mischeler e Mason (1996) citado por Hotvedt (2002), o casamento intercultural, do ponto de vista de muitas posições polêmicas, é considerado uma ameaça à continuidade cultural do grupo, uma possível perda do controle do vínculo entre gerações ou ainda uma oportunidade de uma melhoria dos destinos dos filhos e do futuro da família e da sociedade. As pessoas, de forma geral, se dividem entre esses dois tipos de reação e vão ou para um extremo, ou para o outro, mas acreditamos que, principalmente, a geração mais velha, que vem de uma forte tradição do velho mundo, teme perder suas características nacionais e vê, muitas vezes, esses casamentos mais de uma forma negativa do que positiva.

De acordo com Rissi (2004), em um editorial que apresenta as primeiras informações a casais interculturais na Suíça, estas pessoas geralmente têm que vencer barreiras legais, sociais, culturais e financeiras. Se o (a) companheiro (a) vive em um país diferente ou até em um continente diferente, o relacionamento não pode seguir o seu ritmo natural por muitas razões, inclusive pelo direito (ou não) de residência no país. Viver juntos sem estar casados não é possível na Suíça. Segundo Reif (2004), a maioria dos casais interculturais tem que lutar contra as leis de migração: se eles desejam permanecer juntos, têm que casar apressadamente, transpondo a fase em que o casal devia se conhecer melhor, passando direto para o casamento. Então, para que o casamento intercultural ocorra, o homem ou a mulher deixa o seu país de origem e migra para o país do outro. Para Scheifele (2008), migração é uma aventura traumatizante. Os migrantes são obrigados a enfrentar o isolamento, a insegurança e a incompreensão, precisam abandonar suas famílias, amigos, locais conhecidos e seguros, para enfrentar não apenas uma nova cultura e língua, mas também novos hábitos culturais e

religiosos, assim como a insegurança em um novo país. Esse migrante vivencia o que denominamos de choque cultural. Pollock e Van Reken (1999) definem cultura como um sistema compartilhado de pressuposições, crenças e valores, a partir do qual nós interpretamos o mundo ao nosso redor. Esse sistema é passado pelos mais velhos às crianças através de exemplos, correção e normas. A cultura se aprende, se re-aprende, se re-transmite, se reproduz de geração em geração. Não está inscrita nos genes, mas, ao contrário, no espírito e no cérebro dos seres humanos. A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do ser humano e justifica as suas realizações, levando-o a agir de acordo com seus padrões culturais. Segundo McGoldrick (2003, p. 28), “o gênero, a raça e outras noções culturais estão constantemente em movimento, mudando nos significados e nas definições, tanto por parte do observador quanto do observado”. Sob o ponto de vista sistêmico, a cultura não é um amontoado de valores, idéias e instituições que pode ser segregado tendo como separar por categorias cada um dos elementos que a compõe, mas um sistema complexo de elementos coordenados e completamente integrados. A cultura, portanto, vai ser o resultado das escolhas que o homem faz para organizar a sua vida face ao que o rodeia. Estas escolhas são feitas em termos individuais, em comunidade, de forma consciente ou inconscientemente.

As pessoas sentem-se equilibradas em sua cultura, o que as deixa livres para agirem porque elas estão preparadas para isto, até por instinto. Lang (2002) chega a dizer que a cultura pode ser comparada ao ar que respiramos: nós nos acostumamos e nem damos conta que ele está a nossa volta. Mas, se privados do ar que respiramos, nós sentiremos imediatamente. No entanto, quando as culturas colidem, o instinto não pode mais ajudar. Pollock e Van Reken (1999) acrescentam ainda que quando temos que aprender e re-aprender as regras básicas do mundo ao nosso redor, nossa energia passa a ser usada apenas para sobreviver e não mais para viver. Quando estamos fora do nosso equilíbrio cultural passamos mais tempo entendendo o que está acontecendo do que participando do acontecimento e essa é exatamente a experiência de muitas pessoas que se encontram em meio a uma cultura estrangeira. Elas sentem que as estratégias para lidar com o dia a dia não funcionam mais. Em uma situação de choque cultural, nós não nos sentimos seguros, não sabemos o que é esperado de nós, nem o que esperar das pessoas que estão ao nosso redor. Pessoas de culturas diferentes podem até compartilhar conceitos básicos, mas olham tudo a partir de diferentes ângulos e perspectivas, fazendo-as agir de tal maneira que para alguns aquele tipo de comportamento é irracional, enquanto que, para outros, o mesmo comportamento pode ser considerado totalmente normal.

Segundo Yamaguti (2001), quando crescemos, os conceitos “nacionais” aprendidos, tornam-se nossos e passamos então a enxergar os hábitos dos outros como sendo estranhos ou excêntricos, por serem diferentes dos conceitos assimilados, sendo justamente esse o motivo pelo qual, ao entrarmos em contato com outra cultura, vivenciamos o choque cultural. De acordo com Hofstede (2009), o choque cultural se processa em quatro fases: a primeira fase é a *euforia*, ou seja, o entusiasmo do começo, onde tudo é novidade e existe uma excitação em conhecer um mundo novo; a fase seguinte é o *choque cultural*, ou seja, a crise, caracterizada por sentimentos de medo e insegurança, tanto a nível psíquico, quanto a nível físico; a terceira fase é a *aculturação*, ou seja, quando o migrante começa, aos poucos, a aprender a viver sob as novas condições, tendo adotado alguns valores locais; a quarta e última fase é a da *estabilidade*: nela o migrante pode continuar sentindo-se estrangeiro e discriminado; pode considerar-se adaptado à cultura na qual ele está inserido; ou pode até mesmo se considerar um nativo.

A cultura, portanto, molda as atitudes com relação ao tempo, à família, à alimentação, ao dinheiro e até mesmo com relação à monogamia. As normas culturais afetam a forma como sentimentos de raiva ou afeição são expressos; como crianças são criadas e recompensadas; como estranhos e amigos são saudados; e até no que diz respeito aos papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade (Crohn, 2003). Entretanto, é necessário compreender que entre pessoas de diferentes culturas, as diferenças não são apenas formais. Elas vão além da diferença da língua e das etiquetas sociais adotadas. Essas pessoas são diferentes na maneira de ver o mundo, no modo de expressar seus sentimentos e compartilhar pensamentos. Na realidade existem valores universais e sentimentos que são comuns a todas as pessoas, independentes da cultura, como: justiça, gratidão, amor, medo, sobrevivência, necessidade de aceitação. Contudo, a maneira como a pessoa lida com esses sentimentos e valores universais e como ela os expressa, é modificada pela cultura.

Por outro lado, do mesmo modo que o migrante vivencia o choque cultural, também os habitantes locais têm suas reações ao receberem os estrangeiros. Segundo Salman (2007), o processo de aceitação do recém-chegado acontece devagar, principalmente quando existem muitas diferenças físicas entre os estrangeiros e os habitantes locais. Esta condição pode influenciar negativamente na assimilação e na reorganização da identidade do migrante, apesar de, naturalmente, uma série de outros fatores estarem envolvidos.

Todavia, além da diferença cultural, outro fator importante é a nova língua a ser falada, que certamente vai afetar a comunicação, tanto na sociedade quanto no relacionamento. Cada pessoa pertence a um grupo cultural e um dos elementos principais da cultura, ao lado dos valores e regras, é, sem dúvida, a língua. Casais interculturais geralmente se comunicam em uma língua que, pelo menos um deles, não domina totalmente. Isso faz com que eles tenham dificuldades de se comunicar e de se entender, principalmente no campo das emoções. Se o casal está falando uma língua que é estrangeira para ambos, existe certo equilíbrio. Porém, se uma pessoa está falando a sua língua mãe, e a outra, uma língua estrangeira, então se estabelece um desequilíbrio e a comunicação pode ser impedida. Muitos desentendimentos são desenvolvidos apenas em função da língua e muitos não chegam nem a ser reconhecidos. Uma das maiores dificuldades para se viver em outro país é dominar a língua. De acordo com Salmam (2007), o caminho entre falar a nossa língua e falar uma língua estrangeira é muito longo, até que se alcance o verdadeiro bilinguismo. O migrante vive em um mundo de duas línguas e, na maioria dos casos, fala a nova língua de modo fraco e, muitas vezes, desconcertante.

É comprovado que a língua mãe é fácil de ser aprendida, mas quando falamos de aprender uma segunda língua sendo já adultos, é muito mais difícil e até quase impossível, pelo menos no que diz respeito a realmente dominar a segunda língua como dominamos a língua mãe. Uma segunda língua se processa muito mais como uma tradução da nossa própria língua e, por consequência, com bem menos conotação emocional. De acordo com Barrera (2008), uma pessoa que vive em um país diferente do país do seu nascimento, mesmo depois de vinte anos, vai continuar sendo considerado um estrangeiro - senão pelo resto da sua vida. Segundo Storti (2001), sem a língua os poetas são desarmados, os diplomatas perdem a sua habilidade e as pessoas comuns tornam-se incompetentes para se comunicarem, retornando quase à situação de uma criança de dois anos. Isto ocorre porque muito do nosso poder depende da habilidade que temos para nos comunicar.

Para Romano (1997), uma relação de verdadeira intimidade entre duas pessoas que não dividem a mesma língua materna é muito difícil, pois as possibilidades de falharem nesta questão são muitas. Em uma língua estrangeira, humor e emoção profunda são muito difíceis de serem comunicados. Se existe um desequilíbrio entre o casal, o que possui melhor habilidade na língua provavelmente dominará a conversa e poderá usá-la a seu favor, tirando

vantagens. Então, neste contexto de diversidade cultural, a comunicação surge como um grande desafio.

Vale salientar ainda que, mesmo quando duas pessoas estão se comunicando ou falando uma com a outra, isto não significa que elas estão de fato se entendendo. Entendimento se dá apenas quando duas pessoas têm a mesma interpretação acerca dos símbolos usados no processo de comunicação, sejam eles palavras ou gestos (Harris & Moran, 1987). Barrera (2008) explica que o significado das palavras é de certo modo cultural, pois existe uma espécie de “gramática cultural” que nem sempre é entendida pelo estrangeiro. A língua forma tanto a alma como o corpo, em seus posicionamentos e movimentos, que nem sempre são percebidos por quem fala. Nas situações interculturais isto geralmente ocasiona irritação e desentendimentos. Mas, apesar de todas estas dificuldades, não podemos esquecer de mencionar que o bilinguismo pode ser visto como uma grande oportunidade de se aprender uma língua estrangeira no dia a dia e pode significar a possibilidade de que os filhos deste casal cresçam em um ambiente bilíngue, o que é extremamente válido para o futuro deles.

Outros fatores que também podem ser bastante estressantes para os casais interculturais, segundo Hotvedt (2002), são os valores atribuídos às famílias de origem e ao relacionamento com elas, às regras para a educação e interação com os filhos. Perel (2000) acrescenta a religião e o gênero e Barreira (2008) coloca ainda a diferença entre as necessidades de distanciamento e de proximidade, que causam incessantes desentendimentos em função da interculturalidade. Romano (2007) acredita que os conflitos estão não apenas na forma distinta de ser, mas na forma de fazer as coisas, pois estamos convencidos de que, de um modo ou de outro, o nosso jeito é o melhor ou o único. Então, nestas relações fica difícil encontrar qual a melhor maneira de educar os filhos ou até mesmo de expressar carinho e afeto.

Tudo isto aponta inegavelmente para a necessidade de conhecer a estrutura da família, além de conhecer a cultura do cônjuge. De acordo com Smith (2006), a família interpreta e transmite a cultura e por isso mesmo pode ser determinante no casamento. O significado, o relacionamento e as responsabilidades para com os pais e parentes próximos podem variar bastante de país para país. Isso também depende de outros fatores como nível social e gênero, afinal cada família têm suas próprias “regras culturais”. Como em toda relação afetiva, a

aceitação ou não pela família de origem do casal vai influenciar bastante no êxito ou no fracasso do casamento.

Outro aspecto que não pode ser esquecido ou minimizado é a religião; ela impregna a sociedade, assim como o seu sistema de direitos. Segundo Perel (2002), nos casamentos entre pessoas de credos distintos é, em geral, difícil lidar com as diferenças religiosas, porque é complicado aceitar as verdades da religião como “relativas”. Por isso, a religião em um casamento intercultural deve ser considerada como uma parte importante no relacionamento do casal. É necessário saber até que ponto a religião é vivenciada pelo parceiro/parceira e que influência ela tem no cotidiano daquela pessoa, pois certamente refletirá no casamento. As crenças religiosas de uma pessoa geralmente são ensinadas desde a infância e os sentimentos religiosos, mesmo adormecidos, podem vir à tona em determinados momentos da vida. Principalmente quando chegam os filhos, surgem questionamentos sobre qual religião eles vão seguir, sendo tal assunto de suma importância pois é frequentemente apontado como fonte de conflitos.

Independente de ser um casal de uma mesma cultura ou não, a chegada de um filho inaugura uma série de sentimentos, tarefas e papéis. Mas no caso de casais interculturais, segundo Perel (2002), o dilema acerca da criação dos filhos é, em geral, complicado e carregado emocionalmente. Com o nascimento dos filhos muitas coisas mudam e ajustes são necessários: entre a mãe e filho, entre o pai e o filho, assim como entre a mulher e o marido. Logo começa para os pais o longo caminho de educar seu filho ou filha no lar intercultural. É justamente nesta rotina do dia a dia, no atendimento às necessidades e solicitações do filho ou filha que começam a ficar mais claras as diferenças culturais. Agora o casal precisa decidir o estilo de educação que será adotado, a língua que será falada e até mesmo a religião que será ensinada aos filhos: e isso é só o começo de tantos outros conflitos que certamente surgirão diariamente entre um casal que normalmente não considerou todos os acordos e concessões que serão necessários.

Os pensamentos heterogêneos constantemente levam a conflitos. Podemos citar como exemplos: rituais para fazer a criança adormecer, hábitos de higiene, alimentação, critérios a serem usados para estabelecer limites na educação dos filhos, lazer, relação com a escola e familiares, entre outros. Arranjos precisam ser feitos para que toda esta carga de diferenças entre o casal não seja repassada para a criança. Segundo o referido autor, é preciso sintetizar

as duas formas de educação em uma só, e talvez os pais não precisem escolher entre uma ou outra, mas sim decidir que modelo usar em cada situação que se apresenta.

Contudo, se esses arranjos ou essa síntese não forem feitos, a criança poderá ficar “perdida” no meio de tantas informações diferentes. Na maioria dos casos, é sempre o cônjuge estrangeiro que acaba cedendo mais e precisa ter um nível de tolerância maior, pois criar um filho fora de seu país pode ser comparado a jogar uma partida de futebol fora de casa, onde quase toda a torcida é do time contrário. O cônjuge estrangeiro percebe-se só em relação ao ambiente no qual está inserido, onde os seus costumes não encontram apoio na sociedade.

Costa (2004) diz que através da relação de amor aos filhos queremos perpetuar nossos valores, nossos costumes e nossa cultura. Pelo amor, nós queremos que os valores que prezamos sobrevivam à nossa passagem na Terra. São estes valores de que, às vezes, nós nem temos consciência, e que começamos a estimar. Neste sentido, o cônjuge estrangeiro tem que fazer um balanço para tentar encontrar um equilíbrio. Em alguns momentos será preciso lutar para repassar seus valores e, em outros, será preciso ceder em busca de um equilíbrio na relação.

À medida que as crianças crescem, dependendo dos arranjos feitos entre o casal, a situação familiar tende a se estabilizar ou se complicar. Segundo Urech, Schiess e Stucki (2005), em família de imigrantes, onde pai e mãe são estrangeiros, a situação pode ser considerada, por certo prisma, mais fácil, pois ambos os pais possuem a mesma cultura e, assim, os filhos convivem com uma realidade dentro da família e outra fora. Já os filhos de casais interculturais vivem a diversidade dentro do próprio lar e, muitas vezes, não sabem ao certo se são estrangeiros ou não. Mas aqui é importante salientar que filhos de casais interculturais, a priori, não terão que enfrentar problemas familiares, pois muitos casais conseguem fazer uma síntese e desenvolvem o que poderíamos chamar de uma “terceira” cultura. Expressões como "identidade rasgada" ou "identidade híbrida" estão diretamente ligadas aos processos de interculturalidade, dependendo principalmente dos parâmetros nos quais essas crianças são educadas. Segundo Hall (2003), hibridismo cultural é uma fusão de diferentes tradições culturais, que são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriada à modernidade. Outros autores, entretanto, como por exemplo Weichselbraun (2007), acredita que entre crianças interculturais podem também surgir

conflitos no sentimento de pertencer ou não a determinada cultura. Daí pode surgir um "sentimento de descontinuidade", em razão de (em muitos casos) essas crianças serem totalmente diferentes das expectativas culturais da mãe ou do pai.

A adaptação cultural de uma criança acontece na atmosfera familiar e é determinada pelo clima vivido pelos pais dentro de casa. Para a criança, seus pais, assim como o ambiente familiar, são a referência para o desenvolvimento de seus próprios valores e comportamentos (Urech, Schiess & Stucki, 2005, p.126). Porém, é muito comum, na educação dos filhos, que o casal intercultural, em vez de encontrar equilíbrio, entre em uma luta cultural. De acordo com Hotvedte (2002), a “propriedade” dos filhos pode ser objeto de disputa no casamento intercultural, podendo trazer vários problemas para eles tanto dentro como fora de casa.

Brasileiras casadas com suíços

Os estudos das migrações internacionais brasileiras identificam uma taxa de uniões com estrangeiro muito maior para mulheres que migram, do que para os homens que migram. Todos os anos milhares de brasileiras saem do Brasil em busca de uma vida melhor no exterior. Elas partem cheias de esperanças e muitas sonham com o casamento. Elas estão fora do Brasil por uma infinidade de razões que, muitas vezes, fugiram do seu controle. Segundo Huber (1996), na Suíça as brasileiras, junto com as dominicanas, marroquinas e tailandesas, formam o maior grupo de mulheres migrantes dos chamados países do terceiro mundo ou dos países em desenvolvimento. Fica difícil falar em números porque grande parte delas vive ilegalmente no país, sem registro em nenhum órgão. Segundo a Cônsul do Brasil em Zurique, Vitoria Cleaver (2009), cerca de 60.000 brasileiros vivem atualmente na Suíça, sendo a maioria absoluta de mulheres. Mas como estas mulheres ingressam na Suíça? Fundamentalmente de três formas: como dançarinas de cabaré (elas podem ter um visto que tem uma duração de oito meses), através do casamento ou como turistas.

A única forma, porém, de uma mulher brasileira permanecer definitivamente na Suíça é através do casamento com um suíço ou com um europeu. Então, na maioria dos casos, tanto as mulheres que vão como dançarinas quanto as que vão como turistas procuram também, na realidade, um casamento. Segundo Keller (1997), são raríssimos os casos de brasileiros que vão para a Suíça como trabalhadores migrantes, pois não existe nenhum tipo de acordo entre os dois governos neste sentido.

As mulheres casadas com suíços podem ser divididas, basicamente, em dois grupos: aquelas que encontram o futuro marido aqui no Brasil e migram para a Suíça, uma vez que o Brasil ocupa destaque no turismo, atraindo turistas que querem conhecer de perto o chamado “exotismo tropical”; e as mulheres que decidem migrar por conta própria, a princípio como dançarinas ou turistas, visando trabalhar e casar, para construir ou reconstruir uma família.

Casamentos binacionais na Suíça são comuns e desde o início dos anos 70 o número de casamentos interculturais mais do que dobrou (Hofmann, 2009). Segundo o Departamento Federal de Estatísticas na Suíça (BSF), em 2007, entre as mulheres com as quais os suíços se casaram 891 são alemãs, 673 são brasileiras e 538 são tailandesas. Em 2008, os suíços se casaram com 1048 alemãs, 687 brasileiras e 522 tailandesas. No ano seguinte, os suíços se casaram com 1083 alemãs, 581 brasileiras e 468 tailandesas. Assim, percebemos que as brasileiras se encontram em segundo lugar entre as estrangeiras com quem os suíços mais se casam.

Vale salientar ainda que, segundo o BSF, na Suíça, em 2007, foram realizados 996 casamentos entre brasileiras e estrangeiros, sendo 673 com suíços e 323 com homens de outras nacionalidades. No período de 2008, foram realizados 1030 casamentos entre brasileiras e estrangeiros, sendo 687 com suíços e 343 com homens de outras nacionalidades. Em 2009, foram realizados 916 casamentos entre brasileiras e estrangeiros, sendo 581 com suíços e 335 com homens de outras nacionalidades. É importante ressaltar ainda que as brasileiras cujo casamento se realiza com europeus ou com homens de outras nacionalidades que já tenham a permissão para permanecer na Suíça, por consequência, também obtêm permissão. Essas uniões dão origem a casamentos onde estão envolvidas não apenas duas culturas, mas sim três culturas diferentes: a do marido, a da esposa e a do país em que vivem.

Um dos grandes questionamentos da atualidade é por que os suíços preferem casar-se com estrangeiras e, entre elas, com as brasileiras? As justificativas são muitas. De acordo com Thoele (2003), as mulheres suíças hoje em dia são muito emancipadas. O suíço, então, procura no exterior, mulheres que aspirem ter uma família no formato tradicional. Segundo Hollenstein (1994), muitos destes homens estão mal informados, pois a emancipação da mulher também está ocorrendo em países do chamado terceiro mundo ou em países em desenvolvimento, apesar de se dar em diferentes escalas.

Contudo, não podemos deixar de levar em conta que as mulheres inseridas em casamentos interculturais, principalmente aquelas que vão viver no país do marido, tornam-se muito mais dependentes e, diante de problemas vividos no casamento, enfrentam muito mais dificuldades. Estas dificuldades são provenientes de vários fatores como insuficiência no domínio da língua estrangeira e no conhecimento dos seus direitos jurídicos, além do afastamento da sua família.

Ainda, segundo Hollenstein (1994), os homens que se casam com estrangeiras vindas de países do terceiro mundo ou em desenvolvimento, sofrem uma pressão muito grande da sociedade. De modo geral, todos são vistos com certo preconceito em função de a mulher trabalhar como dançarina e o homem ser um turista do sexo. A mulher estrangeira, muitas vezes, (entre vírgulas) é vista com discriminação pela sociedade, pois muitos acreditam que o casamento foi feito por interesse, apenas para que ela pudesse permanecer no país. Em muitos casos este fato realmente é uma realidade, mas não pode e nem deve ser generalizado. Destaca-se ainda ser comum entre muitas brasileiras que já estão casadas na Suíça, o hábito de levar irmãs, primas ou conhecidas para trabalharem e, possivelmente, casarem-se.

Como se pode ver, os casamentos entre suíços e brasileiras são geralmente realizados em pouco tempo, em função das leis da migração e, muitas vezes, apenas para evitar que a brasileira seja deportada. Atualmente, segundo Hoffmann (2009), acontecem na Suíça cerca de 500 a 1000 casamentos que servem apenas para burlar a lei de imigração. Por isso, a Câmara dos Deputados da Suíça aprovou uma mudança no Código Civil para combater casamentos forjados: pessoas que solicitam asilo e imigrantes ilegais podem ser proibidas de casar. Agora, para poder efetuar matrimônio, o(a) estrangeiro(a) que estiver numa condição de permanência ilegal terá de voltar ao seu país de origem e fazer um pedido formal de ingresso na Suíça, o que pode levar meses e até mesmo ser recusado.

Diante da problemática destes casamentos, as leis suíças tornam-se cada vez mais rígidas. As leis determinam que a esposa estrangeira de um cidadão suíço só receberá um visto definitivo após cinco anos de vida em comum na Suíça. Durante este período, a mulher é totalmente dependente do seu estado civil, ou seja, ela está ligada ao marido para o bem ou para o mal, afirma Anni Laz, secretária da Solidariedade sem Fronteiras, uma ONG especializada em temas como “imigração e direito de asilo”. O visto das mulheres migrantes estipula claramente que o casamento é a única justificativa para a sua estadia na Suíça e este

status não lhes concede explicitamente o direito de trabalhar. Esta frágil situação legal pode criar situações desagradáveis. No caso do divórcio oficial, a mulher deve abandonar a Suíça, mas a expulsão da mulher estrangeira depende das autoridades, sendo considerado se a mulher tem filhos ou não, ou se o seu estado de saúde é crítico.

Na realidade, a lei não dá a estas mulheres nenhum direito pessoal, o que as fazem vivenciar uma situação de completa vinculação ao marido. Se para muitas migrantes a vida na Suíça promove uma melhoria na situação pessoal, outras acabam vivendo a triste realidade da violência doméstica. Um marido suíço que nas férias tinha um comportamento exemplar pode revelar seu outro lado assim que retornar ao seu dia a dia no seu país de origem.

Esta realidade descobre-se no trabalho promovido por dezesseis casas de mulheres que oferecem proteção às esposas que sofrem violências ou estão sendo ameaçadas pelos seus maridos. Em 2002, 16% das mulheres atendidas na Casa de Mulheres, em Berna, eram estrangeiras casadas com suíços. A Consulesa brasileira Vitória Cleaver (2009) explica que é grande o número de brigas nos casamentos interculturais entre brasileiras e suíços e que o consulado não pode interferir.

Na prática, como funcionam estes casamentos interculturais entre suíços e brasileiras com culturas tão diferentes? Hall (1990), fez uma divisão entre os países ocidentais, dividindo-os entre países de Alto Contexto e países de Baixo Contexto. Verificamos que a maneira como os países de Alto e Baixo Contexto vivenciam a família e o casamento é bem diferenciada em função justamente das características culturais. O Brasil encontra-se entre os países de Alto Contexto, ou seja, encaixa-se entre os que possuem características coletivistas, colocando o interesse do todo acima das necessidades pessoais; o tempo é para ser desfrutado e muita ênfase é dada na qualidade de vida; a família extensa é muito importante e os filhos são criados com forte senso de relação e lealdade. Já nos países de Baixo Contexto, entre os quais a Suíça está incluída, as pessoas são individualistas e o “eu” predomina sobre o “nós”; o tempo é visto de forma linear e, por isso mesmo, datas limites devem ser estabelecidas e os horários devem ser cumpridos; o casal é a unidade de decisão principal e os filhos são criados com um forte senso de autonomia, confiança e independência. O estudo realizado pelo citado autor estabelece outro nível de diferença entre a cultura brasileira e a cultura suíça e nos ajuda a entender a base dos conflitos existentes na relação intercultural que ora pesquisamos.

Os casamentos interculturais entre brasileiras e suíços são realizados por vários motivos: por amor, em função do interesse de permanência na Suíça, com vistas a uma melhoria de vida, entre outros. Entretanto, todas estas diferentes motivações, com certeza, vão influenciar no relacionamento do casal. Segundo Mainardi (2005), a brasileira que chega como dançarina de cabaré e encontra um suíço que a retira dessa vida tem uma situação muito diferente da brasileira que estudou na Europa e conheceu seu marido na universidade. Contudo, todos estes relacionamentos, em maior ou menor escala, para darem certo, vão requerer uma profunda adaptação de ambos, marido e mulher, com relação à cultura. Esta, por sua vez, envolve a língua, a criação dos filhos, família, além de outros fatores já citados.

Segundo Romano (1997), no casamento intercultural, o marido que está em seu país tem muito mais “forças culturais” a seu favor, o que muitas vezes não ajuda, mas sim o impede de alcançar sua esposa. Para ele é mais fácil permanecer centrado na sua cultura e não considerar as diferentes expectativas da sua companheira. No nosso caso, como é a brasileira que migra para a Suíça, é ela que precisa ter uma flexibilidade maior para conseguir se adaptar a uma sociedade tão diferente da nossa. Se, por um lado, existe uma possibilidade de complementação entre o casal, por outro, existem muitos obstáculos que precisam ser ultrapassados. Casamentos interculturais são denominados pelo Conselho Online de Colônia, na Alemanha (2000), “como dois mundos sob o mesmo teto”. Larcher (2000) compara “a um quebra cabeças que precisa ser solucionado todos os dias”. Já a Confederação Européia para Famílias Interculturais define o casamento intercultural “como se equilibrar em corda bamba, sem rede de proteção”. Porém, como todo casamento, um casamento intercultural exige um longo processo. Trata-se de um projeto que não termina e que exige tradução e disposição para uma adaptação diária na relação do casal. Sem hierarquia, sem oposições, sem exploração, a palavra amor ganha um novo sentido: “desconstrução das diferenças” (Larcher, 2000,p 03).

MÉTODO

A pesquisa utilizou metodologia qualitativa. Quanto ao critério de escolha dos participantes, usamos a amostragem proposital, que também é denominada intencional ou deliberada. Por esse critério, o pesquisador escolhe deliberadamente os participantes que comporão o estudo de acordo com os objetivos do trabalho, desde que os participantes possam fornecer as informações referentes ao mesmo (Turato, 2003). As doze participantes do nosso

estudo foram mulheres brasileiras que vivem na Suíça e são casadas com suíços, residindo atualmente nos estados de Basileia, Zurique ou Aarau. As entrevistadas provêm de diferentes estados brasileiros, possuem idade entre 28 e 51 anos, com um tempo médio de casamento de sete anos e todas têm filhos, na Suíça ou no Brasil. Seguimos a orientação de Minayo (2004) quanto ao anonimato. Logo, todas as participantes tiveram seus nomes trocados, assim como os nomes dos seus familiares. A tabela 1 caracteriza as entrevistadas.

Tabela 1

Dados sociodemográficos das participantes

Participantes	Idade	Motivo da migração	Tempo de casamento	Filhos suíços	Filhos brasileiros	Escolaridade
Alice	38	Casamento	10 anos	2		Superior
Amélia	51	Oportunidades	02 anos		2	Fundamental
Bernadete	40	Oportunidades	09 anos	1	3	Fundamental
Carolina	32	Oportunidades	02 anos	1		Médio
Eduarda	40	Casamento	10 anos	2		Médio
Eliana	30	Casamento	04 anos	1		Superior
Lena	32	Oportunidades	05 anos		1	Médio
Mariana	40	Casamento	10 anos	2		Superior
Patrícia	28	Oportunidades	10 anos	2		Médio
Rebeca	35	Oportunidades	04 anos		2	Médio
Rita	32	Casamento	10 anos	1		Fundamental
Suelen	32	Casamento	05 anos	1		Fundamental

Como instrumento foi utilizado um roteiro de entrevistas composto por sete questões relacionadas aos objetivos da pesquisa. O roteiro foi conduzido de forma semi-dirigida e também foram preenchidos os dados sociodemográficos das participantes (Anexo B).

As entrevistas foram realizadas na Suíça, no período de dezembro de 2009 a janeiro de 2010. O contato foi feito através de pessoas de convivência da pesquisadora na época em que residiu na Suíça. Todas as colaboradoras vivem atualmente de forma legal, tendo sido previamente contatadas para a marcação das entrevistas. As participantes foram entrevistadas em casa ou em local que lhes era conveniente. Antes de iniciarmos a entrevista foi explicado a cada participante o objetivo da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que garante o anonimato (anexo A). Após a leitura e assinatura do termo, iniciamos a entrevista. O roteiro das entrevistas (Anexo B) foi aprovado pelo Comitê de Ética (anexo C). As entrevistas foram feitas individualmente, gravadas e depois transcritas

Após a transcrição das entrevistas, as mesmas foram analisadas de acordo com os ditames da Análise de Conteúdo Temática por ser esta, segundo Turato (2003), umas das técnicas indicada para as pesquisas qualitativas. Conforme assinala Minayo (2004, p.209), ela consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico. A análise de Conteúdo Temática apresenta três etapas: a pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos resultados obtidos.

A pré-análise consiste na primeira fase, com a organização do material a ser analisado. Nesta etapa foi realizada uma leitura atenta de todo material fornecido pelas brasileiras, buscando selecionar as informações que estivessem em consonância com os objetivos da pesquisa. Na exploração de material, foi realizada a análise propriamente dita, ou seja, a partir da leitura do material, o texto foi recortado em suas unidades de registro, permitindo identificar seis categorias. Em seguida, no tratamento e na interpretação dos resultados, os temas emergentes foram analisados com base na literatura consultada.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta secção iremos apresentar e discutir os resultados encontrados nas entrevistas realizadas com mulheres brasileiras, de acordo com as seis categorias levantadas: aspectos positivos decorrentes do casamento, dificuldades advindas do casamento intercultural, relacionamentos com a família de origem, adaptação ao novo país, desejo de retornar ao Brasil e avaliação da experiência.

1. Aspectos positivos decorrentes do casamento intercultural

As participantes encontram muitos aspectos positivos em seu casamento. Entre eles, predominaram a organização, o fato de o marido participar das tarefas domésticas, a sinceridade do suíço, os bens adquiridos, o gostar da Suíça e da estabilidade que o país proporciona. Acrescente-se a tudo que foi dito, a ampliação da visão do mundo, além do aprendizado de uma nova língua.

Segundo Perel (2002), se o casamento intercultural pode provocar uma cisão familiar, também pode enriquecer os envolvidos, inclusive os familiares. Há novas portas abertas à diversidade e também novas formas de comportamento e de relação. Rittiner (2006) acrescenta ainda que o convívio com outra cultura pode enriquecer a vida dos cônjuges. As falas abaixo exemplificam esses aspectos positivos:

Aqui a gente tem uma visão do mundo. Eu cresci no meu nível cultural. Aprendi outra língua. Também acho que ele aprendeu sobre a minha cultura, valores que ele não conhece como ajudar e ser ajudado. Suíço odeia isso. Suíço pensa que não precisa de ninguém. (Eliana)

Na fala de Eliana podemos perceber claramente os aspectos positivos salientados, assim como a presença da diferença cultural, onde há uma troca relacionada aos conhecimentos sobre a cultura e os valores um do outro.

Eles são ótimos em ajudar em casa. Também de positivo eu vejo a oportunidade de conhecer outro mundo, outra língua. (Patrícia)

No começo foi muito difícil, porém o lado positivo é que os suíços são bons, são sinceros, são inocentes, eles são diretos. (Bernadete)

Podemos perceber também que foram valorizadas a oportunidade de estar em outro país, em outra cultura, bem como o fato de admirar aspectos desta outra cultura que se concretiza na forma de expressão dos suíços, assim como dos papéis de gênero, em que o suíço participa das tarefas domésticas, um fato que surpreende as mulheres brasileiras.

2. Dificuldades advindas do casamento intercultural

Nesta temática, foram citados como dificuldades percebidas no casamento intercultural: a frieza, a rigidez, a mentalidade suíça, a língua, a criação dos filhos e também houve críticas à religião.

Todo casamento exige um aprendizado, um conhecimento entre os cônjuges, porém, em um casamento intercultural, estes fatores tornam-se ainda mais necessários. Segundo Rittiner (2006), na ausência de um aprendizado constante, podem surgir na relação atritos

advindos das diferenças entre os cônjuges. Como em qualquer relação, existem barreiras a serem suplantadas, mas no caso da relação intercultural, o cuidado precisa ser redobrado, pois elas tendem a ser mais acentuadas e nem sempre são vencidas com facilidade, o que gera conflitos no dia a dia.

Constatamos que alguns pontos que foram considerados positivos por algumas participantes são, simultaneamente, negativos, como, por exemplo, a língua. Ao mesmo tempo em que ela é uma oportunidade, ela é também uma dificuldade, tanto no convívio social, quanto no relacionamento. Também, enquanto alguns aspectos da cultura são exaltados, outros são bastante difíceis de administrar na convivência, como a rigidez, a frieza e a mentalidade suíça que se refletem na criação dos filhos e até na liberdade de expressão religiosa.

Nas falas a seguir vemos como as brasileiras enfatizam o distanciamento afetivo dos maridos, que é justamente o que Barrera (2009) coloca como uma das fontes de conflito: as diferentes necessidades de distanciamento e proximidade. As formas de demonstrar afeto geram impacto uma vez que cada cultura tem uma maneira de expressar amor, raiva, reconhecimento e amizade. As brasileiras, em geral, reclamam da frieza do suíço. Como um casamento intercultural pode ser considerado a forma mais íntima de encontro entre duas culturas, esse confronto acontece diariamente.

No casamento o contato é direto e diário com outra forma de pensar! Meu marido é individualista. Aconchego é uma coisa que ele desconhece, porque ele não viveu isso na família dele. (Eliana)

Eu queria que ele fosse carinhoso, mas como ele vai dar amor se nunca recebeu? Ele não sabe dar. Eles são fechados, não sabem agradar ninguém. Isso é o mais difícil aqui. “Ai que lindo” – eles não falam nunca. Brasileira com suíço é muito difícil. (Rita)

A rigidez da mentalidade suíça, especialmente com relação a horários, pode ser fonte de conflitos.

O horário na Suíça não é marcado, é cronometrado. Uma vez me atrasei três minutos para patinar com meu marido e minha cunhada. Ele marcou 7:00 hs. Eu cheguei as 7:03 hs. e isso já foi o maior problema. Andar de patins é diversão. Para que tanto estresse? Isso pra mim foi um choque. (Mariana)

Enquanto as brasileiras apontam como ponto positivo o fato de o marido participar em casa, por outro lado elas acham isto difícil, pois não estão acostumadas com este tipo de interferência no lar.

O mais difícil é a personalidade. Eu não era acostumada a homens se meterem em coisas de casa, roupa de cama, por exemplo. Pra mim isso é coisa de mulher. A gente brigava mesmo por estas coisas, até as panelas ele queria dizer qual eu devia comprar. (Suelen)

A independência entre os cônjuges, também é apontada tanto de forma positiva quanto negativa. A independência em relação ao marido é geralmente acompanhada por uma forte dose de individualismo, o que dificulta uma melhor integração familiar e por isso não é apreciada pela mulher brasileira. Isto corrobora o que foi evidenciado por Barreira (2008) quanto à dificuldade de lidar com o distanciamento e a proximidade no relacionamento intercultural.

O lado positivo é a independência de cada um. Não há dependência emocional do outro. A pessoa consegue se organizar sozinho. Mas esse ponto positivo pode se tornar negativo porque o casal quer viver a dois. Falta a convivência familiar. Falta o calor humano, o aconchego, o cafuné, isso precisa ser encomendado. (Eduarda)

De acordo com Figueiredo (2005), existe uma estreita relação entre comunicação e casamento, pois, na relação conjugal, os cônjuges interagem de forma íntima e constante. Por dividirem o mesmo espaço físico, a comunicação permeia o cotidiano do casal, sendo um dos principais elementos para o sucesso ou fracasso da relação. Segundo Romano (1997) e Salman (2007) entre casais de diferentes culturas existem muitos perigos exatamente na comunicação. Não apenas na escolha das palavras, mas até o tom da voz e os gestos podem significar coisas diferentes para quem envia e para quem recebe a mensagem.

A língua é outra coisa que atrapalha, no sentido de como você se expressa. Porque tem muita coisa que se você traduz ao pé da letra, você se ofende ou fica chateada, acha que o outro é sem coração, não tem emoção. Nós, brasileiros, somos muito emocionais e mesmo quando falamos em uma só língua, um de nós sempre está em desvantagem, por não ser a sua língua. Falar com mãos e pés é muito complicado, é uma barreira enorme. (Eduarda)

Outro problema é o tom. Quando ele fala uma coisa, eu penso que ele está agressivo, que está me acusando de alguma coisa. Então eu respondo zangada. Ele diz: " Eu falei normal"! Eu digo: " Outra vez, fale de outro jeito que eu respondo melhor". A língua alemã é agressiva. O som é agressivo, é falado na garganta. (Suelen).

Nestas falas podemos perceber o que foi denominado como uma “gramática cultural” no sentido de que a mensagem é atravessada pelos aspectos analógicos (emoção, tom de voz, interpretação ou tradução) e as próprias características da língua que podem dificultar a comunicação entre pessoas de diferentes culturas (Barreira, 2008).

A língua, de maneira geral, é um obstáculo na comunicação entre o casal, assim como entre a família intercultural e os parentes mais próximos, incluindo os relacionamentos na escola dos filhos e na sociedade em geral. Ela dificulta, além da comunicação, a inserção no mercado de trabalho. Sem falar perfeitamente a língua do país, tudo se torna muito mais difícil. Segundo Ammann (2006), quem migra para a suíça alemã precisa dominar, além do alemão, um dos dialetos. Quem fala alemão sem sotaque suíço é logo identificado como estrangeiro, o que dificulta a sua integração.

Mesmo depois do curso (de alemão) tenho ainda muitas dificuldades com a língua. Não aprendi quase nada e ele sempre fala que eu não vou aprender essa língua nunca. Quando eu vou à casa dos pais dele, não posso conversar. Outra coisa é que eu não vou para o médico sozinha. Meu marido tem que ir comigo e traduzir tudo para mim. Mesmo quando eu preciso ir ao ginecologista. Isso é constrangedor. (Amélia)

Meu maior objetivo era continuar trabalhando na minha profissão. Eu sou psicóloga e queria trabalhar sendo psicóloga. Mas para trabalhar como psicóloga é preciso mais do que dominar o alemão, eu precisava falar e entender o suíço-alemão (o

dialeto). Na clínica não dá para dizer ao paciente: você pode repetir? Eu me deparei também com o preconceito. (Eliana)

Outro ponto bastante enfatizado pelas brasileiras foi a criação dos filhos. Retomando os conceitos de Hall (1990) sobre a existência de países de Alto e Baixo Contextos, enquanto os suíços valorizam a independência e a autonomia dos filhos, as brasileiras são mais ligadas ao cuidado com eles e à união da família. A rigidez da mentalidade suíça na criação dos filhos é muito difícil para uma mãe brasileira. Segundo Mainardi (2005), muitas brasileiras dizem que não só é difícil ser mãe, mas ser mulher. Na Suíça elas se sentem totalmente responsáveis pela educação dos filhos e, se eles têm problemas na escola, a culpa é sempre delas. Elas não podem trabalhar pois não têm quem as ajude com os filhos. Muitas delas chegam a dizer que é mais fácil ser independente no Brasil.

Meu filho tinha que ser um robzinho igual às outras crianças. Tinha que fazer isso e tinha que não fazer aquilo. Tivemos muito problema com televisão, vídeos de crianças e outras coisas. Eu disse: eu sou mãe o tempo todo, não tenho quem me ajude. Tenho que fazer tudo sozinha e ainda tenho que seguir um programa! (Suelen)

Meu marido é muito rígido com meus filhos. Criança tem horário pra tudo: hora de dormir, de acordar, de escovar os dentes, de estudar, de brincar, enfim, de tudo. Como eles estavam com os meus pais no Brasil, sofreram muito pra se acostumar aqui. (Rebeca)

Entretanto, alguns casais conseguem fazer uma síntese e desenvolvem o que foi denominado como uma “terceira” cultura (Urech, Schiess & Stucki, 2005).

Com a minha filha eu não tenho uma relação só de mãe, mas também uma relação didática. Suíço não assiste televisão. Ela assiste, mas com limites, pois eu sei que não é bom pra ela. Ela tem horário pra ir para cama, porque eu sei que tudo isso é condicionamento. Ela tem regras, isso ajuda na convivência. Ela fala as duas línguas, português e alemão, porque é através do meu idioma que eu passo os meus sentimentos e emoções. Ela vai aprender a minha cultura. (Eliana)

Porém, é muito comum na educação dos filhos, que o casal, em vez de encontrar equilíbrio, entre em uma luta que tem por base a cultura de cada um.

Meu marido é muito severo com meus filhos. Eu não sou igual a ele. Tenho minha parte brasileira e isso cria muitos problemas entre mim e ele. Quando eu volto do Brasil com as crianças, por exemplo, ele diz uma frase que eu detesto. Ele cansa de falar: "Agora acabou! Essas coisas brasileiras acabaram. Vamos agora entrar no ritmo daqui. Aqui tem regras, essa casa tem regras". Meus filhos têm horários e regras. Isso aqui é coisa de militar. (Mariana)

Quando meu filho tinha cinco meses ele tinha problemas para dormir. Minha sogra disse: "bota ele no quarto trancado, mesmo chorando. Se necessário, deixe ele lá até por cinco horas e você vai ver que ele aprende". Eu disse: "não vou fazer isso não. No meu país não se faz assim". Briguei com meu marido e com a minha sogra, porque é assim que eles fazem aqui. (Carolina)

As críticas à religião aparecem constantemente. Enquanto as brasileiras professam sua religião, entre os suíços existe um grande número de pessoas que é ateu e a religião é vivenciada de uma forma mais distante. Muitos maridos se incomodam com o fato da esposa gostar de frequentar as igrejas.

O suíço tem outro pensamento. Principalmente com relação à religião, eles não acreditam em Deus. Isso é o mais difícil pra mim nestes três anos de casada. Outra dificuldade é a língua, pois atrapalha demais o relacionamento. Ele não fala nada em português e quando ele passa do alemão para o dialeto, aí mesmo que eu não entendo nada. Ele diz: "Você tem que aprender a língua, você quer limpar quanto tempo? Até você ter 62 anos?" Ele briga muito. (Carolina)

Nós dois temos a mesma crença, mas eu gosto de frequentar a igreja e ele não. Ele me acha exagerada. Eles são muito frios. (Rebeca)

Alice resume tudo na seguinte expressão:

As dificuldades foram tantas que eu tive que fazer uma terapia de casal. Se a gente continuasse daquela forma, nós íamos nos separar mesmo nos amando, porque as dificuldades eram muitas. (Alice)

Os obstáculos a serem vencidos são muitos. Alguns casais conseguem ultrapassá-los, mas outros não. Cada caso é um caso e por isso fica difícil generalizar. Todos os casais interculturais vivenciam conflitos. O que varia é a forma como cada um lida com eles. Os filhos de casais interculturais podem tornar-se alvo de disputas em caso de divórcio, não sendo raro vermos na mídia a luta pela guarda de crianças ou, até mesmo, o sequestro dos próprios filhos pelos pais. Algumas brasileiras mantêm o casamento na Suíça justamente em função dos filhos.

Quando meu filho tiver dezoito anos, eu vou para o Brasil. Chega de Suíça! Chega de tudo isso aqui! Cada um de nós tem uma cultura! Quando a gente diz é minha cultura, é minha cultura! Mas quem tem um relacionamento intercultural, tem que respeitar a cultura do outro. (Rita)

3. *Relacionamentos com as famílias de origem*

Neste item, todas as participantes da pesquisa encontraram dificuldades de aceitação nas famílias dos seus maridos, e há ressentimento em função do distanciamento afetivo das mesmas. O relacionamento com as famílias de origem inicialmente é difícil porque os casamentos interculturais são vistos, de maneira geral, pela família suíça, como um casamento realizado por interesse, por parte da brasileira. Segundo Hollenstein (1994), no início é bastante difícil para os sogros aceitarem a nora, mas com o tempo o relacionamento tende a melhorar, como podemos constatar nas seguintes falas:

Para a família dele eu sou um pouco como o “bicho exótico” da família. Abraçar a sogra, isso é uma coisa que eles não têm. Hoje eles já até “amaciaram” comigo. A mãe dele não gostava de ele ter se casado com uma brasileira, melhorou quando ela me conheceu e viu que eu não era uma mulatinha e não era tão diferente assim deles. (Eduarda)

A brasileira, que é acostumada com uma família mais coesa no Brasil, estranha as relações estabelecidas nas famílias suíças, como é o caso da frequência de contato.

O contato com os familiares aqui é muito pouco. Os avós de meus filhos só os vêm uma vez por ano. (Mariana)

Algumas famílias, no Brasil, precisam da ajuda da filha podendo ocorrer que cheguem mesmo a acreditar que a filha enriqueceu e assim solicitam sempre mais ajuda financeira. Isto ocorre, principalmente, entre aquelas que tinham dificuldades a nível escolar e profissional no seu país, e que foram tentar a sorte migrando para a Suíça. Isto leva os maridos a criticar os gastos excessivos da família das esposas e a se sentirem explorados.

A minha família quer sempre ajuda financeira e tudo que eu mando pra eles é sempre pouco. Com os pais dele, eu pensava que eu ia encontrar uma mãe, um pai, mas eu não encontrei. Eles são assim e eu tenho que me acostumar à cultura deles, afinal, eu vivo aqui. (Rebeca)

Para o meu marido a minha família é louca, são todos loucos. Não sabem fazer as coisas certas. (Bernadete)

No entanto, a aceitação pela família do cônjuge pode acontecer de uma forma mais rápida e tranqüila quando a brasileira se adapta à realidade suíça.

A família dele me aceita se eu me mantenho suíça. Estrangeiro é considerado estranho e difícil. Assim eu uso uma máscara para me manter. Eu tenho dois papéis, é assim a minha relação aqui. Senão, eu bato de frente. Funciona se eu me visto como suíça e me comporto como tal. (Eliana)

Há também os maridos que se sentem bem entre as famílias brasileiras:

Com a minha família ele quase que se sente atropelado com tanto carinho e atenção. Por exemplo, o almoço dura umas três horas, todo mundo sentado na mesa e conversando. Na casa dele não é assim. Todos ficam calados na mesa. Atualmente ele gosta mais de estar na casa dos meus pais, do que na casa dos pais dele. Ele acha fantástico! (Eduarda)

Meu marido diz que nunca recebeu tanto amor, como recebeu da minha família. (Rita)

4. Adaptação ao novo país

Nesta categoria todas as participantes reconheceram a necessidade de realizarem mudanças com vistas a uma melhor adaptação ao novo contexto cultural. Segundo Ammann (2006), a cultura e a civilização suíças são enraizadas em tradições seculares de difícil compreensão e aprendizagem para pessoas de culturas não alpinas, formando assim algo como uma barreira em torno dos imigrantes. É muito difícil se adaptar e conseguir se integrar a um país de clima geograficamente e socialmente frio, de uma cultura introvertida e fechada, como é o caso da Suíça. Através de experiências transculturais as pessoas podem aprender a compreender a nova realidade na qual estão inseridas. Neste caso, segundo Lang (2002), toda adaptação vai ser feita pela esposa. Podemos perceber que algumas brasileiras se mostraram adaptadas ao novo país, enquanto outras ainda estão se esforçando para alcançar o equilíbrio entre as duas culturas. Inicialmente elas experimentam um choque cultural e só aos poucos vão se adaptando às diferenças. Nos depoimentos abaixo percebemos a mudança no comportamento com relação ao silêncio e aos horários.

Quando você está aqui, você vai entrando na forma e não suporta mais barulho, a vizinha gritando ou atrasos. Você vai se transformando. Tem que entrar no ritmo. Se você for do seu jeito, não consegue nada. (Lena)

Por outro lado, evidenciamos que essas mudanças de comportamento, muitas vezes, são feitas para evitar a discriminação. Nesse sentido, podemos notar como algumas estão na fase da aculturação, que é a terceira fase do choque cultural, ou mesmo na quarta e última fase que é a da estabilidade (Hofstede, 2009).

Mas depois destes anos na Suíça, eu falei tanto que fiquei assim. Fiquei mais disciplinada e chata com horário. Porque eu não quero ser motivo pra ninguém falar: “aquela brasileira, aquela do terceiro mundo”. Eu me eduquei pra evitar confusão. Eu prefiro fazer a coisa certa pra não ouvir: “Aquela estrangeira”! (Bernadete)
Pra se integrar aqui, você precisa ser um pouco suíço, para as pessoas não te olharem como estrangeiro. Aqui eu aprendi a ficar mais isolada ainda: aprendi a me vestir como eles, a falar como eles, pra fazer parte deste mundo aqui. Eu precisei

vestir uma máscara, desenvolver um novo eu para fazer parte da sociedade. Até então eu não tinha contatos com brasileiros, eu consumia tudo que vinha da Suíça, buscando essa integração. Eu tentava ser o máximo possível suíça. Só depois percebi que não devia ser assim. Vamos pelo menos ser 50% brasileira e 50% suíça! (Eliana)

5. *Desejo de retornar ao Brasil*

Algumas brasileiras desejariam voltar ao Brasil, mas acham difícil em função do marido ou dos filhos. Outras desejam voltar só de férias. Elas preferem viver na Suíça em função da segurança e da comodidade que o país oferece. Vale salientar que quase todas falaram da questão da segurança ao pontuarem que o Brasil se tornou um país muito perigoso. Esta é a razão porque muitas brasileiras preferem ficar na Suíça e apenas uma das entrevistadas gostaria de voltar definitivamente para poder trabalhar na sua profissão.

Voltar para o Brasil, eu não penso não. Aqui é a minha segunda casa. Eu sinto saudades dos meus parentes, mas eu gosto daqui. Há segurança aqui, há comodidade. Lá eu fico com medo. E eu não sei se eu ia ter o mesmo nível financeiro que eu tenho aqui. Eu consegui me adaptar. (Patrícia)

Voltar a viver no Brasil, sim, eu penso sim, mas não vejo como. Porque agora eu tenho uma família aqui. No Brasil eu tenho medo e fico muito assustada. (Suelen)

Eu gostaria de voltar ao Brasil, voltar a trabalhar na minha profissão. Aqui, se quisesse ser empregada, babá, seria fácil. Existe discriminação na Europa. Eles pensam que só tem brasileira com pouco grau de instrução. Eu não tenho nada contra estes trabalhos, mas eu não passei seis anos na faculdade pra fazer isso. Eu desejo voltar a trabalhar, trabalhar cognitivamente. (Eliana)

Uma delas disse que o marido gostaria de viver no Brasil:

Ir para o Brasil é o sonho do meu marido. Ele acha que lá as pessoas são felizes com pouco, sorriem mesmo sem ter quase nada. Aqui as pessoas são sisudas, mesmo tendo tudo. Sempre estressadas. Eu, hoje em dia, tenho medo. Medo pela segurança. Mas é o meu país. (Alice)

6. Avaliação da experiência

Em geral, a avaliação que as brasileiras fizeram foi pessimista ao se referirem à ilusão de encontrar um príncipe encantado e enriquecer, assim como ao despreparo para enfrentar um mercado de trabalho exigente e dominar uma língua difícil.

Eu sou faxineira, eu limpo vaso sanitário, eu digo sempre: eu não tenho dinheiro não, eu tenho é trabalho. As mulheres pensam que vão encontrar um príncipe encantado e vão resolver a vida em dois meses, mas isso não é verdade. (Amélia)

Tem gente que pensa que comprou um bilhete (passagem de avião) para a Suíça e ganhou na loteria. Ninguém aqui é rico, você trabalha muito. A Suíça é linda, organizada, mas é ótima de férias. Eu digo que se você for uma aventureira, como eu fui, fique no Brasil, que é bem melhor. Aqui a gente é como água e óleo: vive junto, mas não se mistura. Eu digo sempre: “se eu morrer aqui, leve minhas cinzas para Olinda, para eu morrer feliz”. (Lena)

Vir pra Suíça para viver aqui, venha só quem estiver vivendo na rua, debaixo do sol quente e mesmo assim, cuidado! A Suíça é linda e maravilhosa nos primeiros meses, como toda a Europa. Mas é outra cultura, você está sozinha. Pra quem quer viver sozinho e isolado, as portas estão abertas! Eu vim apaixonada mas, mesmo assim, é uma faca de dois gumes. (Eliana)

Apenas uma afirmou que a Suíça para ela é um paraíso, apesar de constatarmos em sua fala que ela vivencia muitas dificuldades e que o "paraíso" não é um paraíso para ela, mas sim para seus filhos:

Casamento com suíço é muito difícil, falta o diálogo. Meu maior problema aqui é o meu marido, ele é suíço, tem 47 anos e eu não vou conseguir mudá-lo. Mas mesmo assim, eu não quero voltar para o Brasil não, lá é muito violento. Apesar dos trancos e barrancos aqui é o paraíso para as crianças. (Bernadete)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que os casamentos, em geral, são apressados por conta da lei de imigração, o que faz com que o casal não tenha oportunidade de se conhecer melhor antes do casamento, ultrapassando fases tão importantes do relacionamento. Já o processo de adaptação à Suíça é difícil, pois culturalmente o Brasil e a Suíça são países com características bem distintas. A língua alemã é muito difícil de ser aprendida e os dialetos falados em cada estado dificultam este aprendizado. As brasileiras sentem o distanciamento das famílias dos maridos e sofrem com esta realidade.

Percebemos ainda que a criação dos filhos, na maioria dos casos, é conflituosa justamente em função das diferenças culturais. As mães brasileiras precisam lutar para transmitir alguns dos seus valores culturais na educação dos seus filhos. Encontramos ainda entre as brasileiras uma ambivalência de sentimentos, pois muitos dos pontos positivos encontrados no relacionamento, também são, simultaneamente, negativos. Se, por um lado, elas gostam de estar estabilizadas na Suíça, casadas, por outro, enfrentam muitas dificuldades no relacionamento. Estas, por sua vez, se refletem na criação dos filhos, na prática religiosa, na dificuldade de exercer sua profissão e na convivência com a sociedade, em consequência da língua e do preconceito para com o estrangeiro.

As reações das brasileiras são diversificadas e dependem de fatores como: escolaridade, nível socioeconômico, apoio das famílias de origem, tempo de casamento, levar ou não filhos de relacionamentos anteriores. Tudo isso contribui para minimizar ou aumentar os conflitos entre o casal. As especificidades de cada casal, bem como os motivos para o casamento, certamente influenciam no relacionamento. Constatamos, entretanto, que esses casais, independentemente das suas motivações para o casamento, passam por dificuldades semelhantes.

Dada a complexidade do tema em questão, principalmente em função das diferentes motivações para os casamentos interculturais, seria pretensão achar que podemos esgotar as possibilidades de pesquisa sobre o assunto. Consideramos, entretanto, que nos foi possível fazer um mapeamento, de forma sintetizada, das questões que estão envolvidas nesta forma de relacionamento. Enquanto fazíamos nossa revisão de literatura e principalmente quando fizemos a análise das entrevistas concedidas pelas participantes, percebemos quantas questões

ainda estão em aberto. Como focamos a pesquisa nas brasileiras, outros pontos de vista deixaram de ser considerados como, por exemplo, o dos maridos e dos filhos. Estes, com certeza, deveriam ser considerados em pesquisas futuras. No entanto, acreditamos ter contribuído para um conhecimento sobre as vantagens e as dificuldades envolvidas em um casamento intercultural. O número de casamentos entre brasileiras e estrangeiros é muito grande e um maior aprofundamento acerca do tema é, com certeza, relevante para a nossa realidade hoje.

REFERÊNCIAS

- Ammann, P. (2006). *A problemática integração dos brasileiros na Suíça*. Acessado em 20.08.2010 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/crônicas_do_estrangeiro/a_problematica...
- Amazonas, M. C. L. A. Dias, C. M. S. B. & Santos, G. A. (2009). Conjugualidades interculturais e relações de gênero. In: Osório, L. C.; Pascual do Valle, M. E. (Org.). *Manual de Terapia Familiar* (p. 74-87). São Paulo: Artmed Editora.
- Barrera, A.(2008) *Interkulturelle Paar und Familientherapie*. Acessado em 19.11.2008 e recuperado em <http://www.barrera-therapie.de/Paratherapie.html>
- Bundesamt für Statistik (BSF) 2007. In: *Binational (Preliminary Remarks)*. Acessado em 19.11.2008 e recuperado em <http://www.binational.ch/en/fragen/vorbemerkung.html>
- Carvalho, M.; Hoffmeister, S. & Schimdt S. (2009). *Interkulturelle Probleme in einer Romantische Beziehung*. Acessado em 30.05.2009 e recuperado em <http://www.ikdusseldorf.de/blog>
- Cleaver, V. *Ninguém pode integrar outra pessoa*. 09/2009. Acessado em 24.04.2010 e recuperado em <http://www.swissinfo.ch/por/sociedade>
- Centrum für Binationale und Interkulturelle Paare und Familien - ECB. Acessado em 10.05.2009 e recuperado em <http://www.cbif.at>
- Costa, J. F. (2004). *O filho e o casamento*. Acessado em 10.05.2009 e recuperado em <http://jfreirecosta.sites.uol.com.br>
- Chron, J. (2003). Relacionamentos interculturais. In: M. McGoldrick. *Novas Abordagens da Terapia Familiar*, (pp. 339-354). São Paulo: Roca.
- Figueiredo, P. M.V.(2005). *A influencia do locus de controle conjugal nas habilidades sociais e na satisfação do casamento*. Acessado em 20.05.2010 e recuperado em <http://cienciaecognicao.org>

- Giddens, A.(2000). *O Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. (M. L. Borges, trad.) Rio de Janeiro: Record.
- Hall, E. T. (1990). *Understanding cultural differences*. Yarmouth: Intercultural Press.
- Harris, P.R & Moran, R.T, (1987). *Managing cultural differences*. Houston: Gulf Publishing Company.
- Hotvedt, Mary. (2002) O casamento intercultural: o encontro terapêutico. In: Andolfi, M. *A crise do casal: Uma perspectiva sistêmico-relacional* (pp. 153-169). Porto alegre: Artmed.
- Hoffmann, G. (2009). *Clandestinos podem ser proibidos de casar*. Acessado em 19.04.2010 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/sociedades/ clandestinos_podem_ser_...
- Hofstede, G. (2009) Kulturauschock. Acessado 20.11.2009 e recuperado em: <http://www.ibim.de /ikult/2-5html>
- Hollenstein, H.(1994). *Interkulturelle Familien in der Schweiz*. Auslikon, Suíça: Bach.
- Huber, L. (1996). Nos trajetos da sujeição: brasileiras na Suíça. *Travessia – Revista do migrante*. N.º. 26, São Paulo: Peres.
- Keller, B.P. (1997). *Imigrantes brasileiros na Suíça: histórias de vida e estratégias de ação*. Instituto Universitaire D'études Developpment, Berna, Suíça.
- Lang, J. (2002). Bikulturelle Ehen – Ehen mit Zukunft. *Psychoscope*. (23), 6-9. Informationsorgam der Föderation der Schweizer PsychologInnen (FSP) Berna, Suíça.
- Larcher , D. (2000). *Die Liebe in der Zeit der Globalisierung. Konstruktion und Deskonstruktion von Fremdheit in Interkulturelle Paarbeziehungen*. Klangfurt: Drava
- McGoldrick, M.(2003). Introdução: re-vendo a Terapia Familiar através de uma lente cultural. In: M. McGoldrick *Novas abordagens da Terapia Familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*, (pp. 3 -22). São Paulo: Roca.
- Mainardi, G. (2005). *Socióloga pesquisa brasileiras na Suíça*. Acessado em 25.052010 e recuperado em http:// www.swissinfo.ch/sociologa_pesquisa_brasileiras_na_Suiça.html?cid
- Minayo, M. C. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª edição. São Paulo: Hucitec.
- Online Beratung Erzbistum Köln: Binational Partnerschaft. Acessado em 20.08.2009 e recuperado em <http://www.Beratung-caritasnet.de>
- Perel, E. (2000) Uma visão turística do casamento. In: Papp, Peggy (Org.) *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeuta* (pp.193-294). Porto Alegre: Artmed.
- Pollock,D.C. e Van Reken, R.E. (1999). *The third culture kid Experience: Growing up among Word*. Yarmouth: Intercultural.

- Reif, E. (2004). *Mit einem Partner au einer anderen Kultur leben*. Acessado em 20.08.2010 e recuperado em http://www.familienhandbuch.de/cmain/f_Aktuelles/Partnerschats
- Rissi B. (2004). *Binationa.l* (Preliminary Remarks). Acessado em 10.05.2009 e recuperado em <http://www.binational.ch/en/fragen/vorbemerkung.html>
- Rittiner, M. E. (2006). *Ser estrangeiro: a construção das múltiplas identidades nas relações afetivos conjugais interculturais helvético-brasileiras*. Dissertação de mestrado Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife.
- Romano, D. (1997). *Intercultural marriage: promises and pitfalls*. Yarmouth: Intercultural.
- Salman, A. (2007). *Imigration und Identität : Psychosoziale Aspekte und kulturübergreifende therapie*. Gissen, Alemanha: Psychosozial.
- Scheifele, S. (2008). *Migration und Psyche: Aufbruche und Erschütterungen*. Gissen, Alemanha: Psychosozial.
- Smith, C. R. (2006). *Duas culturas, um casamento*. Acessado em 10.09.2010 e recuperado em [http:// dialogue.adventist.org/articles/10_2-smithpp.htm](http://dialogue.adventist.org/articles/10_2-smithpp.htm)
- Storti, C. (2001). *The art of crosing cultures*. Yarmouth:Nicholas Brealey.
- Thoele, A. *Entrevista: dono de agência conta como casa suíços*. Acessado em 10.08.2010 recuperado em [http://www.swissinfo.ch/por/Capa/Archive/ Entrevista:_dono_de_agencia](http://www.swissinfo.ch/por/Capa/Archive/Entrevista:_dono_de_agencia)
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.
- Urech, C., Schiess, I. & Stucki, V. (2005). *Binational? Genial! Der Ratgeber für Binationale Paare mit Kindern*. Zürich, Suíça: Orell Füssli.
- Weichselbraun, M. (2007). *Jugendliche mit binational-bikulturellen Eltern*. Salzburg: STAF.
- Yamaguti, B. (2001). *Comunicação intercultural*. Acessado em 10.07.2010 e recuperado em Portalpi.com.br/comunicação_intercultural
- Zini, A. & Arantes, F. (1996). *Globalization: The pros and cons of an unstoppable process*. FEA, USP. Acessado em 20.08.2010 e recuperado em [http:// www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho fizemos uma reflexão inicial sobre como o casamento intercultural tem se destacado na contemporaneidade e focalizamos o das brasileiras que vivem na Suíça. Iniciamos fazendo um breve histórico do casamento e da família e pudemos perceber como essas instituições mudaram ao longo do tempo, evoluindo de casamentos arranjados, geralmente entre os pais dos noivos, para casamentos que têm por base o amor romântico; de casamentos indissolúveis, para casamentos que podem ser anulados pelo divórcio, abrindo a possibilidade para recasamentos, famílias monoparentais, entre outras. Percebemos também que houve muitas modificações tanto no papel do homem, como no da mulher e dos filhos.

A globalização e as novas formas de tecnologias acarretaram o aumento da migração, principalmente a feminina e, como consequência, é cada vez maior o número de casamentos interculturais, dando origem a famílias do mesmo tipo. No passado, os casamentos muitas vezes eram realizados dentro das próprias famílias ou comunidade; hoje, várias pessoas se casam com pessoas de outros países e os relacionamentos entre pessoas de diferentes continentes, antes raros, atualmente tornaram-se comuns.

Os motivos da migração feminina são muitos, porém, de maneira geral, há sempre uma busca de melhores condições de vida. Condições essas que as mulheres não encontraram em seu próprio país. Muitas brasileiras que migram como turistas, em virtude da ilegalidade, acabam se casando para permanecer na Suíça, por pressão das leis de migração e dos familiares ou conhecidos. Estes casamentos realizados, na maioria das vezes, por conveniência remetem-nos aos do passado, que eram arranjados por interesses familiares ou econômicos e não baseados no amor, como passou a ser desde o início do século XX.

Segundo Hintz (1999), o relacionamento entre o casal ocorre em ciclos mais ou menos conhecidos e passa por cinco etapas: *enamoramento, estabelecimento das diferenças, relações de poder, estabilidade e comprometimento*. As brasileiras que se casam na Suíça geralmente casam apressadamente. Isto ocorre, inclusive com as que casam por razões amorosas, o que leva os casais a ultrapassar etapas muito importantes do relacionamento, podendo este fato gerar conflitos no casamento. Segundo a referida autora, casar-se na fase do enamoramento, etapa em que a tendência é ver apenas o lado positivo um do outro, não seria indicado.

Todas as brasileiras, independentemente dos motivos para a migração, passaram pela experiência do choque cultural. As dificuldades enfrentadas no novo país foram muitas, pois elas se sentiam incapazes de realizar as tarefas simples do cotidiano. As que foram como turistas e passaram pela situação de ilegalidade atribuem a essa condição um grande peso psíquico e a necessidade de encontrar rapidamente um marido suíço ou europeu para permanecer no país. As que migraram por amor não passaram pela situação de ilegalidade, mas viveram, simultaneamente, o processo de adaptação ao novo país e ao casamento.

O casamento intercultural entre homens suíços e mulheres brasileiras, principalmente nos casamentos em que as mulheres migraram acalentadas pelo sonho de que iriam encontrar um príncipe encantado, enriquecer e ser felizes para sempre, não se concretizou. A realidade parece ser bem diferente. No entanto, as brasileiras apontam algumas vantagens como uma nova visão do mundo e o aprendizado de outra língua. As dificuldades com a cultura e com a língua destacaram-se, tanto no convívio social, quanto no relacionamento. O novo idioma, muitas vezes, torna-se um impedimento desde fazer amizades a encontrar um trabalho, gerando também muitos desentendimentos na comunicação entre o casal. As famílias de origem dos maridos, de modo geral, apresentam dificuldades para aceitar a brasileira na família e, principalmente no início, as brasileiras enfrentam obstáculos relativos à convivência, pois o distanciamento entre elas e a família extensa dos seus cônjuges é uma realidade, sendo o convívio permeado de preconceitos e desconfianças acerca dos seus reais sentimentos em relação ao marido.

Com a chegada dos filhos, os conflitos entre o casal tendem a aumentar, principalmente em razão das diferenças culturais. As mães brasileiras na Suíça se sentem sozinhas, pois não têm seus familiares por perto para ajudar e ter empregadas é muito caro. Elas, em geral, não trabalham fora de casa e se dedicam exclusivamente aos filhos, o que para algumas é muito bom, mas para outras é frustrante, uma vez que tal situação não oferece espaço para a realização profissional, o que resulta em uma total dependência financeira do marido.

Contudo, é interessante ressaltar que a maioria das brasileiras não deseja voltar definitivamente ao Brasil, pois, apesar das dificuldades, retornar ao Brasil seria muito difícil em função dos filhos e do marido. Outros fatores apontados por elas foram o medo da violência e da falta de oportunidades. Percebemos que as participantes citaram um maior

número de dificuldades do que de vantagens neste tipo de casamento. Quando elas avaliaram a experiência, a maioria não aconselharia outras mulheres a passarem pela mesma.

Dada a complexidade do tema em questão seria pretensioso achar que esgotamos as possibilidades de pesquisa sobre ele. Consideramos que nos foi possível fazer um breve mapeamento da questão e que novas investigações se fazem necessárias. À medida que fazíamos nossa revisão da literatura e principalmente lendo os fragmentos das entrevistas cedidas pelas participantes, surgiam novos questionamentos que os estudiosos do assunto até agora não articularam e tivemos dificuldades para encontrar literatura brasileira que aborde este assunto. Como focamos nossa pesquisa no ponto de vista das brasileiras, outros aspectos relevantes foram preteridos como a visão dos maridos e filhos, que podem ser considerados em pesquisas futuras.

Esperamos ter contribuído para sensibilizar os profissionais, as famílias e, principalmente, as mulheres para os problemas relacionados à migração, à realidade de viver em outro país tão diferente do nosso e de um casamento intercultural.

REFERÊNCIAS

- Ammann, P.(2006). *A problemática integração dos estrangeiros na Suíça*.
http://www.swissinfo.ch/por/A_problematica_integracao_dos_estrangeiros_na_suiça
- Ammann, S.B. (2006). *Brasileiros na Suíça: por que deixam o Brasil?* Acessado em 06.05.2010 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/index/brasileiros_na_suiça.
- Ammann, S. B. & Ammann P. (2006). *Por que os migrantes brasileiros escolhem a Suíça como destino?* Acessado em 06.05.2010 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/especiais/cronicas_do_estrangeiro/por_que_os_emigrantes
- Amazonas, M. C. L. A.; Dias, C. M. S. B.& Santos, G. A. (2009). Conjugualidades interculturais e relações de gênero. In: L. C.Osório & M. E. Pascual do Valle (Org.). *Manual de Terapia Familiar*, (pp. 74-87). São Paulo: Artmed Editora.
- Baeckert, L. T. (2008). *Os sonhos das babás brasileiras ilegais na Suíça*. Acessado em 06.05.210 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/por/reportagens/Os_sonhos
- Barrera, A.(2008) *Interkulturelle Paar und Familientherapie*. Acessado em 19.11.2008 e recuperado em [http// www.barrera-therapie.de/Paartherapie.html](http://www.barrera-therapie.de/Paartherapie.html)

- Bogus, L.M. & Bassanezi, M. S. (1998). *Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social*. Acessado em 20.05.2010 e recuperado em <http://www.classical.edu.ar/libros/pdf>.
- Bundesamt für Statistik –BFS. (2007). In: *Binational (Preliminary Remarks)*. Acessado em 19.11.2008 e recuperado em <http://www.binational.ch/en/fragen/vorbemerkung.html>
- Carvalho, M.; Hoffmeister, S. & Schimdt S. (2009). *Interkulturelle Probleme in einer Romantische Beziehung*. Acessado em 30.05.2009 e recuperado em <http://www.ik-dusseldorf.de/blog>
- Cleaver, V. (2009). *Ninguém pode Integrar outra pessoa*. Acessado em 24.04.2010 e recuperado em <http://www.swissinfo.ch/por/sociedade>
- Centrum für Binationale und Interkulturelle Paare und Familien – ECB. (1999). Acessado em 10.05.2009 e recuperado em <http://www.cbif.at>
- Costa, J. F. (1983). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- Costa, J. F. (2004). *O filho e o casamento*. Acessado em 10.05.2009 e recuperado em <http://jfreirecosta.sites.uol.com.br>
- Chron, J. (2003). Relacionamentos interculturais. In: M. McGoldrick. *Novas abordagens da Terapia Familiar*, (pp. 339-354). São Paulo: Roca.
- Damatta, R. (2001). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Daure, I & Reveyrand-Coulon, O. (2009). *Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de migração*. Acessado em 10.04.2010 e recuperado em <http://www.sielo.br/sielo>.
- Fachstelle Frauenhandel und Frauenmigration - FIZ* . (2009). Acessado em 24.04.2010 e recuperado em <http://www.fiz-info.ch/index.php?page483>
- Fankhauser, P. (2006). *Schweiz Informationen*. Acessado em 14.05.2010 e recuperado em <http://www.swisswold.org.de>
- Fauss, M. In: Weller, W. (2004). *Revista Scalabriniane Del Mondo*. n. 22, Brasília: CSEM
- Figueiredo, P. M.V.(2005). *A influencia do locus de controle conjugal nas habilidades sociais na satisfação do casamento*. Acessado em 20.05.2010 e recuperado em <http://cienciaecognicao.org>
- Franken, I., Coutinho, M.P. & Ramos. (2008). Migração, qualidade de vida e saúde mental: Um estudo com brasileiros migrantes. In: N. Ramos (org.). *Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas* (pp. 177-212). João Pessoa: Universitária UFPB .
- Garcia, L. (2007). Mulheres transnacionais. *Imaginário*. USP, (13), 379-398.

- Giddens, A. (2000). *O Mundo em descontrolo: o que a Globalização está fazendo de nós*. (M. L. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Gomes, I. C.(1998). *O sintoma da criança e a dinâmica do casal*. São Paulo: Escuta.
- Gomes, P. B. (2003). Novas formas de conjugalidades In: P.B. Gomes, *Vínculos Amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares* (pp. 10-39). São Paulo: Callis.
- Hall, E. T. (1990). *Understanding cultural differences*. Yarmouth: Intercultural Press.
- Harris, P.R & Moran, R.T, (1987). *Managing cultural differences*. Houston: Gulf Publishing Company.
- Hintz, H.C. (1999). Dinâmica do casal. In: *Pensando em famílias*. Rio Grande do Sul: Domus, (1), 31-40.
- Hintz, H.C. (2001). Novos tempos, novas famílias. In: *Pensando em famílias*. Rio Grande do Sul: Domus, (3), 8-19.
- Hoffmann,G. (2009). *Brasileiras em segundo lugar na preferência dos suíços*. Acessado em 05.06.10 e recuperado em [http:// www.swissinfo.ch/reportagens/brasileiras...](http://www.swissinfo.ch/reportagens/brasileiras...)
- Hoffmann, G. (2009). *Clandestinos podem ser proibidos de casar*. Acessado em 19.04.2010 e recuperado em [http:// www.swissinfo.ch/por/sociedades/ clandestinos_podem_ser_...](http://www.swissinfo.ch/por/sociedades/ clandestinos_podem_ser_...)
- Hofstede, G. (2009) *Kulturalschock*. Acessado 20.11.2009 e recuperado em [http://www. mi ibim.de /ikult/2-5html](http://www.mibim.de/ikult/2-5html)
- Hollenstein, H.(1994). *Interkulturelle Familien in der Schweiz*. Auslikon, Suíça: Bach.
- Hotvedt, Mary. (2002) O Casamento Intercultural: O Encontro Terapêutico. In: Andolfi, M. *A crise do casal: Uma perspectiva sistêmico-relacional* (pp. 153-169). Porto alegre: Artmed
- Huber, L. (1996). Nos trajetos da sujeição: brasileiras na Suíça. *Travessia – Revista do migrante*. N°. 26, São Paulo: Peres.
- Janka, V. & Athoele, A. (2003). Estrangeiras sonham com o amor alpino. Acessado em 27.09.2010 e recuperado em [http:// www. swissinfo.ch/ por/ index/ Estrangeiras_sonham_ amor_ alpino_\(I\)](http://www.swissinfo.ch/por/index/Estrangeiras_sonham_amor_alpino_(I)).
- Keller, B.P. (1997). *Imigrantes brasileiros na Suíça: histórias de vida e estratégias de ação*. Instituto Universitaire D'études Developpment, Berna Suíça.
- Lang, J. (2002). Bikulturelle Ehen – Ehen mit Zukunft. *Psychoscope*. (23), 6-9. Informationsorgan der Föderation der Schweizer PsychologInnen (FSP) Berna, Suíça.

- Laplantine, F. (1994). *Transatlantique: entre Europe et Amériques Latines*. Paris: Essays Payot.
- Larcher, D. (2000). *Die Liebe in der Zeit der Globalisierung. Konstruktion und Deskonstruktion von Fremdheit in Interkulturelle Paarbeziehungen*. Klangfurt: Drava.
- Lasch, C. (1991). *A família: santuário ou instituição sitiada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Maurer, S. & Janota, M. R. (1998). Grupo de trabalho. *I Encontro Nacional de Brasileiras na Suíça*. Berna.
- Mainardi, G. (2005). *Socióloga pesquisa brasileiras na Suíça*. Acessado em 25.05.2010 e recuperado em http://www.swissinfo.ch/sociologa_pesquisa_brasileiras_na_Suiça.html?cid
- McGoldrick, M. (2003). Introdução: Re-vedo a Terapia Familiar através de uma lente cultural. In: M. McGoldrick. *Novas abordagens da Terapia Familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*, (pp. 3 -22). São Paulo: Roca.
- Minayo, M. C. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª edição. São Paulo: Hucitec.
- Ministério das Relações Exteriores – MRE. (2009). *Notícias para o Mundo*. Acessado em 06.05.2010 e recuperado <http://www.swissinfo.ch.sociedade/Emigrantes>
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oliveira, A.C. (2003). *Migrações do passado e do presente: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceito*. Franca: UNESP.
- Oliveira, G.M. & Oliveira S. (2008). *Lúcia Amélia Brullhardt: Da lama do Nordeste a fama na Europa*. Recife: Nossa Livraria.
- Online Beratung Erzbistum Köln: Binational Partnerschaft. Acessado em 20.08.2009 e recuperado em <http://www.Beratung-caritasnet.de>
- Osório, L. C. (2002). *Casais e famílias: uma visão contemporânea*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pereira, C. (1998). Migração: História, aspectos legais e situação das migrantes na Suíça. In: *I Encontro Nacional de Brasileiras na Suíça*. Berna.
- Perel, E. (2000) Uma visão turística do casamento. In: P. Papp (Org.) *Casais em perigo: novas diretrizes para terapia* (pp.193-294). Porto Alegre: Artmed.
- Pollock, D. C. e Van Reken R. E. (1999). *The third culture kid experience: growing up among word*. Yarmouth: Intercultural.
- Ponciano, E. & Feres-Carneiro, T. (2003). Modelos de Família e Intervenções Terapêuticas. In: *Interações*, (3), 57-80.

- Reif, E. (2004). *Mit einem Partner au einer anderen Kultur leben*. Acessado em 20.08.2010 e recuperado em http://www.familienhandbuch.de/cmain/f_Aktuelles/Partnerschats
- Reginato, F. (2009). Palestra. *IV Encontro Nacional de Brasileiros na Suíça*. Berna.
- Rissi B. (2004). *Binationala.I* (Preliminary Remarks). Acessado em 10.05.2009 e recuperado em <http://www.binational.ch/en/fragen/vorbemerkung.html>
- Rittiner, M. E. (2006). *Ser estrangeiro: a construção das múltiplas identidades nas relações afetivos conjugais interculturais helvético-brasileiras*. Dissertação de mestrado Universidade Federal de Pernambuco, CFCH, Recife.
- Romano, D. (1997). *Intercultural marriage: promises and pitfalls*. Yarmouth: Intercultural.
- Salman, A. (2007). *Imigration und Identität: Psychosoziale Aspekte und kulturübergreifende therapie*. Gissen, Alemanha: Psychosozial.
- Scheifele S. (2008) . *Migration und Psyche*. Gissen, Alemanha: Psychosozial.
- Smith, C. R. (2006). *Duas culturas, um casamento*. Acessado em 10.09.2010 e recuperado em [http:// dialogue.adventist.org/articles/10_2-smithpp.htm](http://dialogue.adventist.org/articles/10_2-smithpp.htm)
- Souza, I. C. F.(2007). A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Imaginário*, (13) 14, 399-415.
- Storti, C. (2001). *The art of crossing cultures*. Yarmouth: Nicholas Brealey
- Trompenaars, F. (2008). *Kulturaldimension*. Acessado em 20.08.2009 e recuperado em <http://www.Transkulturelle.portal.com>
- Turato, E. R.(2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.
- Urech, C., Schiess, I. & Stucki, V. (2005). *Binational? Genial! Der Ratgeber für Binationale Paare mit Kindern*. Zürich, Suíça: Orell Füssli.
- Weller, W. (2004). Entrevista. *Revista Scalabriniane Del Mondo*. n.22, Brasília: CSEM..
- Weichselbraun, M. (2007). *Jugendliche mit binational-bikulturellen Eltern*. Salzburg: STAF.
- Weiss, R. (2005). *Macht Migration Krank? Eine transdiziplinäre Analyse der Gesundheit von Migrantinnen und Migrant*. Zuriqeu, Suíça: Seismo.
- Yamaguti, B. (2001). *Comunicação intercultural*. Acessado em 10.07.2010 e recuperado em Portalpi.com.br/comunicação_intercultural
- Zini, A. & Arantes, F. (1996). *Globalization: The pros and cons of an unstoppable process*. FEA, USP. Acessado em 20.08.2010 e recuperado em <http://www.teses.usp.br>

ANEXOS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Titulo da Pesquisa - Casamento Intercultural e suas peculiaridades: um estudo sobre brasileiras que vivem na Suíça.

1. Você está sendo convidada para participar de uma pesquisa sobre sua experiência em um casamento intercultural.
2. Você foi selecionada porque é casada com uma pessoa de outra cultura, e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
4. Os objetivos deste estudo são conhecer melhor os casamentos interculturais, inclusive a adaptação das brasileiras ao novo país, bem como os motivos e repercussões deste casamento em sua vida.
5. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista.
6. Os riscos relacionados com sua participação são tocar em assuntos pessoais que podem lhe sensibilizar, mas faremos o possível para lhe dar a acolhida necessária.
7. Os benefícios relacionados com a sua participação são compreender melhor este tipo de relacionamento para auxiliar outros casais que estão na mesma situação.
8. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
9. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (informar, de acordo com o método utilizado na pesquisa, como o pesquisador protegerá e assegurará a privacidade).
10. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Eu, (nome da participante), dou o meu consentimento para a minha participação como voluntária nesta pesquisa, sob a responsabilidade da pesquisadora Flavia de Maria Gomes Schuler, mestranda da Universidade Católica de Pernambuco e orientação da professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP que funciona na PRÓ-REITORIA ACADÊMICA da UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO, localizada na RUA ALMEIDA CUNHA, 245 – SANTO AMARO – BLOCO G4 – 8º ANDAR – CEP 50050-480 RECIFE – PE – BRASIL. TELEFONE (81). 2119.4376 – FAX (81)2119.4004 – ENDEREÇO ELETRÔNICO: pesquisa_prac@unicap.br

Zurique, _____ de _____ de 20__

Participante

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

01. Que motivos trouxeram você à Suíça?
02. Quais as principais dificuldades que você enfrentou ao chegar?
03. Como você conheceu seu atual marido?
04. O que levou vocês a se casarem
05. O seu casamento corresponde as suas expectativas?
06. O que encontrou de positivo no relacionamento com uma pessoa de outra cultura?
07. O que encontrou de negativo nesta mesma situação?
08. Você gostaria de voltar a viver no Brasil?
09. Como se caracteriza seu relacionamento com os seus familiares?
10. Como se caracteriza seu relacionamento com os familiares dele?

Dados sóciodemográficos:

País de origem e do seu esposo/companheiro:

Cidade em que reside:

Cidade em que se conheceram:

Nível de escolaridade:

Nível de escolaridade do seu esposo/companheiro:

Profissão:

Profissão do esposo/companheiro:

Estado civil:

Estado civil do esposo/companheiro:

Religião:

Religião do seu esposo/companheiro:

Idade e sexo dos seus filhos do relacionamento anterior (se tiver):

Idade e sexo dos filhos do relacionamento atual (se tiver):

Tempo de casamento

Data da entrevista:



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Registro nº 25000-050953/2004-81 CONEP/CNS/MS, de 22/04/2004

Renovação de Registro nº 25000-147003/2007-11 CONEP/CNS/MS, de 20/03/2007

Recife, 1º de dezembro de 2009

PARECER Nº 078/2009 – CEP UNICAP

A Coordenação Geral de Pesquisa aprova, *ad referendum*, o Projeto de Mestrado em Psicologia Clínica, no que diz respeito à ética, após a análise pelo relator do Comitê de Ética em Pesquisa, registrado com o CAAE – 0015.0.096.000-09 – REGISTRO INTERNO – CEP 031/2009, intitulado:

“CASAMENTO INTERCULTURAL E SUAS PECULIARIDADES: UM ESTUDO SOBRE BRASILEIRAS QUE VIVEM NA SUIÇA”, que tem, como pesquisadora principal:

Profa Dra Cristina Maria de Souza Brito Dias (PSICOLOGIA)

Informamos que a decisão será homologada na 61ª Reunião Ordinária do COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, a realizar-se no dia 26 de fevereiro de 2010.

RESUMO DO PARECER

- O estudo não apresenta riscos de agravos éticos e está em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, com a Declaração de Helsinque e com o Código de Nuremberg para experimentação humana.

O RELATÓRIO FINAL deverá ser entregue no semestre correspondente ao término da pesquisa, conforme cronograma apresentado no Projeto de Pesquisa aprovado.

Valemo-nos da oportunidade para solicitar-lhe que, ao consultar o CEP UNICAP, indique o número do processo já referenciado.

Atenciosamente,

Prof Dr Junot Cornélio Matos
Pró-reitor Acadêmico – PRAC
Universidade Católica de Pernambuco

Profa Dra Arminda Saconi Messias
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa
Coordenadora Geral de Pesquisa
Universidade Católica de Pernambuco